UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES (CCHLA)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

TACIANE CAVALCANTI DO AMARAL MOTA

Da conexão à opressão: Os impactos psicossociais do cibersexismo

João Pessoa

2026

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel

João Pessoa - 2026

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M917d Mota, Taciane Cavalcanti do Amaral.
Da conexão à opressão : os impactos psicossociais do cibersexismo / Taciane Cavalcanti do Amaral Mota. - João Pessoa, 2026.
98 f. : il.

Orientação: Carlos Eduardo Pimentel.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social - Sexismo. 2. Cibersexismo. 3. Opressão - Mulheres. I. Pimentel, Carlos Eduardo. II. Título.

UFPB/BC CDU 316.6(043)

Elaborado por ANNA REGINA DA SILVA RIBEIRO - CRB-15/24

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos dezenove dias do mês de março de dois mil e vinte e seis, de forma remota pelo Google Meet , reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Dissertação da aluna **TACIANE CAVALCANTI DO AMARAL** – mat. 20241013981 (orientando(a), UFPB, CPF: 085.492.524-41). Foram componentes da banca examinadora: Prof. Dr. **CARLOS EDUARDO PIMENTEL** (UFPB, Orientador, CPF: 023.802.314-19), Prof.ª Dr.ª **JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 046.281.144-12) e Prof.ª Dr.ª **ISOLDA DE ARAÚJO GÜNTHER** (UnB, Membro Externo à Instituição, CPF: 044.678.924-00). Na cerimônia compareceram, além da examinada, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof. Dr. **CARLOS EDUARDO PIMENTEL**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada **TACIANE CAVALCANTI DO AMARAL** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: **"DA CONEXÃO Á OPRESSÃO: OS IMPACTOS PSICOSSOCIAIS DO CIBERSEXISMO".** Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de "**APROVADO**", o qual foi proclamado pelo presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Tatiana de Lucena Torres, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 19 de março de 2026.

gov.br Documento assinado digitalmente
CARLOS EDUARDO PIMENTEL
Data: 25/03/2026 10:34:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

PROF. DR. CARLOS EDUARDO PIMENTEL

gov.br Documento assinado digitalmente
JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA
Data: 23/03/2026 16:59:05-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

PROF.ª DR.ª JAQUELINE GOMES CAVALCANTI SA

Documento assinado digitalmente
gov.br
ISOLDA DE ARAUJO GUNTHER
Data: 24/03/2026 10:51:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

PROF.ª DR.ª ISOLDA DE ARAÚJO GÜNTHER

Documento assinado digitalmente
gov.br
TATIANA DE LUCENA TORRES
Data: 27/03/2026 14:29:36-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

PROF.ª DR.ª TATIANA DE LUCENA TORRES
COORDENADORA DO PPGPS

"We cannot all move forward if half of us are left behind."

Malala Yousafzai

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora, por ter me dado a oportunidade de concretizar esse sonho de concluir o meu mestrado.

Ao meu marido, Herondy, por sempre acreditar em mim, por me apoiar na realização desse sonho e por todo o companheirismo. Essa conquista também é sua.

À minha filha Maria Letícia, que é o meu maior incentivo para buscar sempre crescer cada vez mais.

À minha família, meu pai Alberto, minha mãe, Graça e minhas irmãs, Vanessa e Valesca, por todo o apoio nos momentos que precisei.

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel, por ter me dado a oportunidade de participar do Laboratório de Psicologia da Mídia e por toda a confiança e aprendizado ao longo de toda a minha trajetória acadêmica.

À banca, Professores Dr. Carlos Eduardo, Dra. Jaqueline Gomes e Dra. Isolda Gunther, pela disponibilidade em participar desse momento marcante em minha trajetória acadêmica.

À Capes, pelo apoio financeiro concedido por meio da bolsa de mestrado, fundamental para a realização desta pesquisa.

Resumo

O sexismo online (cibersexismo) se refere a formas de ódio direcionado a mulheres nas redes sociais, disseminando um discurso de ódio que incentiva o comportamento agressivo e abusivo contra as mulheres. A partir disso, buscou-se compreender as raízes históricas, culturais e sociais do patriarcalismo e sua influência na perpetuação do sexismo, nos estereótipos de gênero e seus impactos no ambiente virtual. Para explicar esse fenômeno social, foram utilizadas: a Teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura, a Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) e o Modelo Geral da Agressão (Anderson & Bushman, 2002). A teoria do sexismo ambivalente defende que existem dois tipos de sexismo: o hostil e o benevolente e que ambos funcionam como ideologias complementares. O sexismo benevolente tem uma aparência positiva, considerando que as mulheres precisam ser protegidas. Já o sexismo hostil, se caracteriza por atos, atitudes, comportamentos e discursos hostis direcionados principalmente às mulheres que desafiam os papéis de gênero. Em relação ao Modelo Geral da Agressão, este é compreendido em três rotas (afetos, cognições e excitação comportamental) que levam a um processo de avaliação e tomada de decisão, emitindo uma resposta agressiva ou não agressiva. Tendo isso em vista, é possível compreender que nessa relação entre o físico e o virtual, o discurso misógino online está profundamente relacionado às questões sociais do contexto offline. De modo que o preconceito, os estereótipos, a discriminação estrutural e as desigualdades sociais de gênero servem como base de sustentação para a violência nas redes sociais. No Estudo 1, foi desenvolvida a Escala de Cibersexismo Hostil. O estudo foi dividido nas seguintes seções: Validade de Conteúdo e estrutura interna; b) Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo. Inicialmente, foi realizado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), que obteve os seguintes resultados: Pertinência: CVC= 0,95; Adequação da linguagem: CVC= 0,95; Clareza: 0,96. Depois disso, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória, que obteve como resultados: testes de esfericidade de Bartlett (1.026,8, gl = 105, p < 0,001) e KMO (0,82) sugeriram interpretação da matriz de correlação dos itens. A análise paralela sugeriu que a escala possui 1 dimensão. Em relação a confiabilidade, o ômega de McDonald ($\omega = 0.85$) foi indicativo de uma boa consistência de medida do traço latente do instrumento, o Alfa de Cronbach ($\alpha = 0.83$) indicou uma boa confiabilidade interna do instrumento e os índices de ajuste do instrumento foram adequados ($\chi 2 = 996,67$, *gl* = 105; *p* < 0,001; RMSEA = 0,063 (0,054 – 0,064); CFI = 0,948; TLI = 0,940). No Estudo 2 foi realizado um experimento, sendo observado que os homens pontuaram mais alto do que as mulheres na Escala de Cibersexismo Hostil (ECH) através de um teste t para amostras

independentes. Além disso, foi realizada uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Hostilidade, Agressão Verbal, Agressão Física e Raiva variavam de acordo com o gênero e grupo, apresentando resultado estatisticamente significativo para a interação Gênero*Grupo (F(4, 196) = 4,516, p < 0,001; Partial η^2 = 0,84). Ademais, foi realizada uma MANOVA com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Psicopatia, Maquiavelismo e Narcisismo variam para homens e mulheres nos grupos controle e experimental. Os resultados foram estatisticamente significativos para a variável gênero (F(3, 197) = 7,159, p < 0,001; Partial η^2 = 0,09). Não houve efeito principal para grupo (F(3, 197) = 0,891, p = 0,447; η^2 = 0,013), nem para a interação gênero*grupo (F(3, 197) = 0,727, p = 0,537; η^2 = 0,011). O Estudo 3 é um experimento que trata da exposição a postagens com ameaças de estupro. Com objetivo de investigar em que medida a exposição a postagens com ameaças de estupro impactaram na agressividade e na aceitação da violência contra a mulher. E, se a empatia terá papel mediador e o gênero papel moderador nessa relação. Obtendo como resultados que a interação entre agressividade e cibersexismo hostil é moderada pelo gênero (B = 0,310, p < 0.05), indicando que o efeito da agressividade sobre o cibersexismo hostil é 0.31 unidades mais forte em homens do que em mulheres. E que na interação entre agressividade e cibersexismo, o papel mediador da empatia afetiva não foi significativo (B = -0.017, p= 0,205). Porém, o cibersexismo hostil apresentou efeitos negativos e significativos para ambos os tipos de empatia. Diante disso, é possível afirmar que maiores níveis de cibersexismo hostil associaram-se a menores níveis de empatia cognitiva (β= -0,271; p < 0.001) e empatia afetiva (β= -0,305; p < 0.001). Diante do exposto, os resultados encontrados demonstram que os homens foram mais fortemente afetados, com maiores níveis de agressão verbal, violência geral do que as mulheres. Corroborando que as tendências de agressividade vivenciadas offline de homens contra mulheres se pronunciam também no ambiente digital.

Palavras-chave: Cibersexismo, online, opressão, mulheres; do offline para o online.

Sumário

Introdução 9

1.2 A teoria da aprendizagem social..... 13

1.3 As contribuições da teoria do sexismo ambivalente para o entendimento da agressão de gênero online 16

1.4 O Modelo Geral da Agressão e o Cibersexismo 19

Método 22

Estudo 1: Desenvolvimento da Escala de Cibersexismo Hostil 28

Estudo 2: Exposição a postagens com Cibersexismo 35

Estudo 3: Exposição a postagens com ameaças de estupro 52

Discussão 64

Considerações Finais 69

Referências 70

Anexos 84

Introdução

As Estruturas Patriarcais, a Agressão Contra a Mulher e o Cibersexismo

Inicialmente temos como objetivo discernir acerca das raízes históricas, culturais e sociais do patriarcalismo e sua influência na perpetuação do sexismo, nos estereótipos de gênero e seus impactos no ambiente virtual. Inicialmente será discutido um panorama sobre as estruturas patriarcais e os estereótipos de gênero, bem como o aumento do cibersexismo e o movimento feminista. Para isso, utilizaremos como embasamento teórico a Teoria da Aprendizagem Social de Albert Bandura, a Teoria do Sexismo Ambivalente de Peter Glick e Susan Fiske e o Modelo Geral da Agressão de Craig A. Anderson e Brad J. Bushman.

Existe socialmente uma classificação e hierarquização entre o masculino e feminino (Anjos, 2000), essa categorização atribui características a ambos os gêneros, formando no imaginário social os estereótipos de gênero. Essa classificação em fins práticos implica à mulher aspectos limitantes e negativos, tendo em vista que, culturalmente existe uma tendência a avaliar mais positivamente qualidades masculinas em comparação às femininas (Blaine, 2007).

A avaliação está relacionada aos estereótipos de gênero, que possuem papel fundamental nessa relação, pois influenciam de modo automático a percepção e os julgamentos (Nelson, 1966), funcionando para manter as hierarquias de poder originárias do patriarcalismo. Este, está fundamentado na ideologia da superioridade e dominação masculina, existente nas dinâmicas sociais (Morgante & Nader, 2014).

Essa ideia preconcebida de ideal de superioridade masculina e do ideal de comportamento feminino generaliza e simplifica, contribuindo para a disseminação de ideias estereotipadas. As quais, por sua vez, são utilizadas como base para justificar a discriminação. Esse tipo de conteúdo sexista banaliza a violência de gênero e é considerado como marcador para unir grupos extremistas, justificar hostilidade e reforçar uma narrativa compartilhada de inferioridade feminina e superioridade masculina. Os incels podem ser citados para exemplificar a generalização de estereótipos misóginos para validar uma ideologia (Ging, 2019).

Compreende-se a partir disso que as violências e preconceitos do offline passam a ser reproduzidos no online. Para as mulheres, o ambiente virtual reproduz as opressões sociais e passa a se tornar um espaço de legitimação da discriminação de gênero (Setenta, 2024). Pois, segundo Simone Beauvoir (1980) "os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap* [sistemática desvantagem]".

Nesse sentido, tais construções sociais fazem parte de uma discriminação estrutural e social histórica contra as mulheres. Podendo ser compreendida como a construção de uma imagem que já vinha sendo representada tradicionalmente. A qual, atualmente, é manifestada online, nos espaços digitais (Benjamin, 2019). Essa perspectiva está vinculada a uma cultura patriarcal.

Esse sistema patriarcal separa o mundo entre o público e o privado, tendo a mulher sua representação na esfera familiar, biológica de reprodução e afetiva. Em contraposição, para o homem se tem uma posição tida como superior, a de trabalho e sustento familiar. Tendo isso em vista, estudos científicos no século XX procuraram fundamentar a suposta

incapacidade intelectual feminina com hipóteses de um menor tamanho da zona parietal do cérebro (Amâncio, 2008).

Com isso, se pode compreender que até mesmo evidências científicas estão sujeitas ao preconceito de gênero, pois o mito da superioridade masculina transpassou gerações e se solidificou através da aprendizagem social. Tendo isso em vista, os padrões de comportamentos e interações sociais remetem a uma construção social de gênero com elevadas assimetrias.

Portanto, a mulher se encontra como um grupo dominado e inferiorizado, baseando-se nas crenças das diferenças naturais entre homens e mulheres, da suposta superioridade inata masculina. O sexismo é o resultado dessas crenças atreladas às vivências sociais, que atingem não só os homens, mas inclusive as mulheres, que podem também participar da perpetuação dessas experiências de socialização (Assmar & Ferreira, 2004). Dado que o dominado é cúmplice de uma violência simbólica ou "invisível", segundo Bourdieu (1989).

A perspectiva do reducionismo biológico contribui para essa violência simbólica, pois é utilizada para fundamentar os mecanismos de dominação social, buscando justificar a desigualdade de gênero (Bourdieu, 2002). A expressão radical dessa concepção é encontrada no movimento Redpill. O termo é originário do filme Matrix (1999), sendo ressignificado como um despertar para uma suposta realidade em que os homens são vítimas do feminismo (Ozbilgin & Mergen, 2025).

Esse tipo de discurso reduz as relações humanas para uma hierarquia entre "alfas e betas", subjugando as mulheres e naturalizando a desigualdade de gênero ao tratar as mulheres como objetos. O ambiente virtual utilizado para disseminar esse tipo de discurso é chamado de "machosfera", utilizado para consolidação de uma cultura digital misógina (Betti & Wolff, 2025). Esta se impõe através das relações não horizontais, as quais subsidiam uma noção de

superioridade masculina na mentalidade coletiva, que envolve desde práticas cotidianas até um sentido mais amplo de um mascaramento da violência de gênero estrutural.

Tendo isso em vista, além da discriminação de gênero hostil, existe a camuflada de uma aparência positiva, a qual é o cerne da questão da dimensão benevolente da teoria do sexismo ambivalente. As relações e estruturas de poder são formadas a partir da reprodução de valores e hábitos com formações ideológicas sexistas (Veloso et al., 2017). O que faz com que se propague um pensamento de que o masculino domine sobre o feminino (Silva e Oliveira, 2017). Entretanto, na internet é possível observar os dois tipos de sexismo, que se retroalimentam, impactando 38% das mulheres, segundo dados da Economist Intelligence Unit (2020).

A ciberviolência é o termo utilizado para o uso de dispositivos digitais para práticas de assédio, humilhação, disseminação de informações falsas e outras formas de coação de um indivíduo dominado (Blaya, 2013). Os casos apresentam três características principais: anonimato, rápida disseminação e dificuldade de controle (Blaya, 2015).

Contudo, a violência online é maciçamente segmentada por gênero, tendo as mulheres como alvos principais. Esse fato advém de uma dinâmica histórica de transmissão de normas sociais e de estereótipos de gênero, estabelecendo limites do que é socialmente aceitável para determinado gênero (Payne & Smith, 2013). Esse funcionamento social culmina no sexismo, que pode ser conceituado, segundo Von Smigay (2002), por atitudes de discriminação contra as mulheres, podendo se manifestar tanto por homens quanto por mulheres.

Já o sexismo online se refere a formas de ódio direcionadas a mulheres nas redes sociais, disseminando um discurso de ódio que incentiva o comportamento depreciativo e abusivo contra as mulheres. É compreendido também como atos e discursos que buscam ofender, agredir e diminuir uma pessoa em razão de seu gênero (Smigay, 2002; Glick & Fiske, 2018).

As mulheres possuem uma probabilidade 27 vezes maior do que os homens de serem vítimas do ódio online (Remón & Medina-Bravo, 2018). Pode-se compreender, a partir disso, que as estruturas patriarcais do offline se manifestam também no online; entretanto, a internet modernizou os meios de perpetração de violência contra a mulher (Martinez-Pecino & Duran, 2019).

Nesse sentido, os termos "misoginia" e "sexismo" possuem semelhanças, porém, diferem em seu escopo. O sexismo está associado a estereótipos de gênero e objetificação das mulheres, enquanto a misoginia está associada a uma tentativa de punir mulheres que não cumprem as normas patriarcais (Dickel, 2022). Entretanto, ambos contribuem para difundir pensamentos que incentivam formas de violência contra a mulher.

O foco deste estudo é compreender como o sexismo online se associa aos estereótipos de gênero e influencia a população geral de acordo com diversas variáveis (e.g., gênero, níveis de agressão e afetos negativos). O cibersexismo causa um impacto social negativo, já que incentiva outras pessoas a adotarem comportamentos discriminatórios (Braga et al., 2020).

Tendo isso em vista, a internet tem sido utilizada de forma a incentivar crimes de gênero com papel significativo na depreciação e exclusão de minorias (Baileys, 2017). Essa dinâmica emite uma ideia de supremacia masculina, levando as pessoas a construírem discursos de que os homens teriam determinados comportamentos dos quais as mulheres não seriam capazes. Para explicar esse fenômeno social, as teorias do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996) e o Modelo Geral da Agressão (Bushman & Anderson, 2002) e a teoria da Aprendizagem Social (Bandura, 1977) serão utilizadas.

Portanto, segundo Albert Bandura, o aprendizado ocorre através da observação e por meio das consequências das ações e não apenas pela experiência direta. Ou seja, observar um comportamento preconceituoso de um homem contra uma mulher e perceber que não houve

consequências negativas pode gerar a aprendizagem indireta (vicariante) (Melo-Dias & Silva, 2019). A aprendizagem de novos comportamentos depende da observação de um modelo comportamental (Bandura, 1979).

1.2 A Teoria da Aprendizagem Social

Além da observação de um modelo comportamental, a expressão do comportamento agressivo depende de uma série de fatores ambientais, cognitivos e situacionais, os quais modulam a sua manifestação. Os contextos sociais podem facilitar a agressão e a construção de estereótipos de gênero de acordo com características culturais (Cohen & Nisbett, 1994).

Os estereótipos de gênero, atitudes e comportamentos sexistas são aprendidos principalmente através de quatro processos principais: modelagem, reforço diferencial, transmissão cultural e internalização. A teoria da aprendizagem social de Albert Bandura trata da aprendizagem de comportamentos através da observação das características do modelo (modelagem), sendo através desse processo que ocorre a maior parte das aprendizagens (Almeida et al., 2013).

A aprendizagem por observação seguida de processo cognitivo não é uma simples imitação, e sim um processo de modelação. Esta depende das consequências do comportamento e das características do modelo, envolvendo mecanismos como atenção ao modelo, retenção do comportamento na memória, execução e motivação para reproduzir (Feist & Feist, 2008).

Tendo isso em vista, existe uma tendência a observar mais os comportamentos de indivíduos em que se tem maior contato, explicando porque o comportamento misógino pode perpassar gerações. Já que, havendo o reforço diferencial, que é a recompensa por comportamentos tidos socialmente como adequados a determinado gênero e desencorajamento

de comportamentos adequados ao sexo oposto, ocorre a transmissão cultural e o reforço dos estereótipos de gênero (Liben & Bigler, 2002).

Esse reforço ocorre de modo diferencial de acordo com o gênero, sendo transmitido culturalmente, inclusive através das mídias, cuja influência tem sido apontada por diversos pesquisadores (Anderson & Bushman, 2002; Rangel, 2004; Maclei-Mont, 2002). Tendo isso em vista, ocorre a internalização, ou seja, o desenvolvimento de crenças sobre as suas capacidades relacionados àquilo que aprenderam socialmente.

Portanto, Bandura expande a teoria social cognitiva explicando como os indivíduos adotam comportamentos relacionados ao gênero e internalizam estereótipos de gênero através de um processo triádico (Bussey & Bandura, 1999). Este processo é aprendido, mantido ou modificado por meio de três componentes: cognição, comportamento e ambiente.

Tendo isso em vista, é compreendido que ao se observar comportamentos de cunho sexista, a ação humana tende a resultar em uma causação triádica recíproca, em que a interação entre fatores pessoais cognitivos (crenças e autoeficácia), comportamentos (ações influenciadas por modelos) e o meio (família, mídia, cultura) em que se encontra e se determinam reciprocamente (Cloninger, 1999).

Em relação aos fatores pessoais, as crenças internalizadas de estereótipos de gênero a partir de experiências sociais afetam as expectativas de papéis sociais, levando a vieses de menor autoeficácia (para as mulheres) e a reprodução de comportamentos sexistas (para os homens). Como exemplo disso, a pesquisa de Schunk e Pajares (2002) estudou o desenvolvimento da autoeficácia acadêmica de acordo com o gênero. Foi observado que as crenças de gênero reduzem a autoeficácia em áreas associadas a estereótipos masculinos – como matemática e ciências - até mesmo quando há equivalência de desempenho para ambos os gêneros.

Entretanto, os fatores ambientais – como escola, família, mídia e cultura – são também agentes fundamentais que influenciam os estereótipos de gênero e comportamentos. Isso porque, ao transmitir expectativas diferenciadas entre um filho e uma filha, baseando-se no gênero ou até mesmo na diferenciação de brinquedos de acordo com o gênero, ocorre a internalização de padrões comportamentais que a criança deve seguir na vida adulta, ou seja, se tornam ferramentas de socialização de gênero (Blake & Centers, 2005).

Por fim, na última dimensão na tríade recíproca, os comportamentos – ações que perpetuam o ciclo de sexismo – podem ser reforçados socialmente, criando modelos estereotipados que passam a reproduzi-los. De acordo com Bussey e Bandura (1999), a exposição a modelos não tradicionais é capaz de reduzir comportamentos sexistas, indicando que o sexismo é aprendido e, a partir disso, é perpassado através das gerações.

1.3 As Contribuições da Teoria do Sexismo Ambivalente para o Entendimento da Agressão de Gênero Online

Segundo Glick & Fiske (1996), existem dois tipos de sexismo: o hostil e o benevolente. Ambos funcionam com ideologias complementares que possuem um sistema de punição e recompensa. O sexismo hostil é uma punição para as mulheres que não se adequam ao que é esperado socialmente de uma mulher. Esse tipo de sexismo é o mais explícito e abertamente negativo.

Este se manifesta de forma ampla, é uma problemática estrutural que endossa e busca perpetuar a desigualdade de gênero e o status quo masculino. Caracteriza-se por atos, atitudes, comportamentos e discursos hostis, manifestados em diversos contextos sociais, que implicam barreiras sistêmicas às mulheres. Esse tipo de preconceito acomete principalmente as mulheres

que desafiam os papéis de gênero, na busca de posições de igualdade de poder (Dovidio & Gaertner, 1986; Swim et al., 1995).

As duas dimensões citadas são compostas por três elementos: paternalismo dominante, diferenciação de gênero e heterossexualidade (Glick & Fiske, 1997). No sexismo benevolente, esses elementos se manifestam diferentemente de como ocorre no sexismo hostil. Neste último, o paternalismo dominante é estabelecido em busca do controle do masculino sobre o feminino, compreendendo a mulher de forma similar à relação de um pai com um filho, a caracterizando como incapaz, necessitada de uma figura masculina superior.

Já a diferenciação de gênero se apresenta como competitiva: ela percebe o homem como o exclusivo possuidor de traços e habilidades necessárias para dirigir instituições sociais importantes, utilizando-se de crenças depreciativas para assumir uma posição de superioridade masculina. Por fim, a heterossexualidade está relacionada à ideia de que a mulher usa seu atrativo e poder sexual para dominar o homem e que a motivação sexual deste está relacionada a um desejo de intimidade com a mulher, objetificando, assim, o feminino (Barreto & Ellemers, 2005).

Por outro lado, o sexismo benevolente é disfarçado de cuidado perante uma ideia de fragilidade feminina (Ferreira et al, 2004). A diferença é o tom aparentemente positivo falseando uma ideia de proteção para a mulher, recompensando assim as mulheres tradicionais (Rodríguez-Castro et al., 2009). Embora possa não parecer prejudicial, essas crenças restringem a igualdade de gênero, além de limitar oportunidades pessoais, políticas, profissionais e sociais das mulheres (Glick et al., 2000).

Nessa dimensão, o paternalismo se manifesta ao passar uma ideia de que o homem deve proteção e cuidado para com as mulheres, na diferenciação de gênero, existe o entendimento de que a mulher serve de complemento para o homem. Por fim, a heterossexualidade tem

relação com o afetivo-sexual, em que a mulher deve satisfazer as necessidades românticas do seu parceiro (Kilianski & Rudman, 1998).

Com a publicação de resoluções e normas que reconhecem e implementam os direitos femininos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos em 1948, a qual compreende a igualdade de direitos entre os gêneros (ONU, 1948), foi observado que o sexismo benevolente – como piadas e memes que perpetuam estereótipos - tem ganhado cada vez mais espaço. Pois, a sociedade passou a ver o sexismo hostil como um discurso politicamente incorreto.

No entanto, tanto o sexismo hostil quanto o sexismo benevolente buscam questionar e mitigar os direitos femininos. Pois a disseminação de conteúdo depreciativo contra mulheres é um mecanismo para a perpetuação de estereótipos de gênero que reforçam um lugar feminino de menor status social (Alves et al., 2021). Esse tipo de ideia busca limitar as mulheres ao ambiente doméstico, apresentando uma aversão à ocupação de posições de liderança (Ferreira, 2004). Essas ideias buscam uma maior aceitabilidade social da opressão, da objetificação do corpo feminino e do apoio à reprodução da violência contra a mulher (Sousa & Figueira, 2017).

Diante disso, ocorre uma naturalização da violência de gênero, pois a sociedade possui normas patriarcais históricas que são construídas como algo que parece comum e natural (Rakoczy, 2004). Como exemplo disso, podem-se citar as postagens que visam ao humor, como os memes, mas que na verdade naturalizam a violência de forma que a própria vítima não consegue perceber que está sofrendo com essa prática.

Esse tipo de postagem remete a uma ideia de imposição de papéis sociais que a mulher deve cumprir, além de uma crença de superioridade masculina para exercer determinadas posições sociais. Portanto, a manifestação dessas formas de cibersexismo pode ser observada amplamente no espaço digital (Alves et al., 2021).

Essa situação mostra como o domínio patriarcal busca legitimar formas simbólicas de violência, tornando-se, em alguns contextos, um comportamento de difícil identificação: “O poder simbólico é aquele poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos a ele ou mesmo que o exercem” (Bourdieu, 2001, p. 164).

Com isso, compreende-se que o pensamento social sexista ocorre na sociedade como um tipo de coação que não utiliza a força física, mas que é uma forma de violência tão cruel quanto. Pois a submissão de poder é empreendida na perspectiva moral e psicológica, sendo um mal que perpetua as desigualdades, levando à naturalização da agressão contra a mulher.

Tendo isso em vista, estudos anteriores buscaram compreender como o sexismo hostil se manifesta. Os achados demonstraram que o sexismo hostil está vinculado a comportamentos de assédio sexual no trabalho (Glick & Fiske, 1995), maior culpabilização de vítimas de violência sexual (Viki & Abrams, 2002), atitudes punitivas mais intensas em relação a mulheres que violam normas de gênero (Viki et al., 2003), maior tendência de indivíduos com altos níveis de sexismo hostil a justificar a discriminação contra mulheres (Sibley & Becker, 2012) e adoção de comportamentos manipuladores em relacionamentos românticos (Hammond & Overall, 2013).

Além disso, mais especificamente nos ambientes virtuais, destaca-se o estudo de Jane (2017) sobre as manifestações do cibersexismo que observou a existência de padrões linguísticos para ameaças de violência sexual, descredibilização e insultos baseados em estereótipos de gênero. A autora compreende que o sexismo hostil está fortemente associado a uma busca pela manutenção da hegemonia masculina (Bourdieu, 1988).

Portanto, é possível compreender a existência de uma narrativa que busca inferiorizar a mulher em diferentes contextos sociais, embasada em uma ideologia patriarcal, o que culmina na violência contra a mulher. Com o intuito de aprofundar essa temática, será utilizado o Modelo Geral da Agressão, já que este oferece uma estrutura teórica robusta para entender sua relação com o sexismo e com o cibersexismo.

1.4 O Modelo Geral da Agressão e o Cibersexismo

A agressão é o comportamento com intenção de causar danos a uma pessoa que está motivada a evitar esse dano (Allen & Anderson, 2017). Em relação a violência de gênero, a dinâmica e as condições desse comportamento são especialmente prejudiciais, visto que a violência de gênero é multifacetada, abrangendo diversas agressões baseadas em gênero (Jordan et al., 2010).

Para compreender a complexidade dessa problemática, o Modelo Geral da Agressão (GAM) integra teorias como a teoria da aprendizagem social, a teoria da neoassociação cognitiva e a teoria do *script* (Bushman, 2021). Os fatores proximais da agressão são explicados a partir de três etapas: inputs, rotas e outcomes.

Os inputs advêm de fatores situacionais e variáveis pessoais, ou seja, ambos influenciam o estado interno de um indivíduo (Becher et al., 2025). As estruturas do conhecimento são fundamentais para essa teoria e se desenvolvem com o tempo, através dos processos de aprendizagem, endossando formas específicas de compreender, interpretar e responder a eventos, influenciando a tomada de decisão (Melo et al., 2015). Baseaadas na experiência, elas se tornam automáticas, incorporando elementos como afetos, cognições e excitação comportamental (Warburton & Anderson, 2015).

Essas três dimensões levam a um processo de avaliação e tomada de decisão, emitindo uma resposta agressiva ou não agressiva, a depender dos recursos cognitivos disponíveis (Allen et al., 2017). As três dimensões influenciam o estado interno, se inter-relacionam-se e são chamadas de rotas.

Em termos de rotas, o cibersexismo é desencadeado por um estado hostil dos indivíduos direcionados às mulheres, como pensamentos automáticos depreciativos e viés de atribuição hostil (Zhao et al., 2025). Tendo isso em vista, os processos de avaliação influenciam a tomada de decisão, que são os *outcomes*, os quais podem resultar em reações agressivas ou não agressivas

Porém, devido à facilidade do anonimato nessas plataformas, esse pode ser um espaço ideal para a disseminação de discursos de ódio e sexismo (Silva & Braga, 2016). A dificuldade de identificação e a possibilidade de criação de perfis falsos podem contribuir para o aumento de discursos preconceituosos. Ou seja, o preconceito sofrido pela mulher nos espaços físicos é também externalizado no ambiente virtual.

É possível compreender que nessa relação entre o físico e o virtual, o discurso misógino online está profundamente relacionado a questões sociais do contexto offline, dee modo que o preconceito, os estereótipos, a discriminação estrutural e as desigualdades sociais de gênero servem como base de sustentação para a violência nas redes sociais. Essa problemática se manifesta de modo exponencial (Weber et al., 2020), devido às particularidades do ambiente virtual, que favorecem a ampla disseminação da representação de submissão feminina e dos discursos de ódio (Essen & Jansson, 2019).

Visão Geral da Dissertação

Justificativa

A temática da violência de gênero na internet é de extrema relevância, tendo em vista que, segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, as mulheres estão sendo vítimas de ataques e violações dos seus direitos na internet, sendo esta a prática que mais cresceu dentre os crimes de ódio nos anos de 2017 a 2022. Diante disso, esse estudo foi realizado visando investigar os impactos psicossociais causados pelo cibersexismo, o qual se mostra em ascensão na sociedade brasileira.

Objetivos

Essa pesquisa visa investigar os impactos psicossociais de postagens de cibersexismo na população geral.

Objetivos Específicos

Desenvolver e validar a Escala de Cibersexismo Hostil.

Compreender o impacto psicológico da mídia agressiva contra mulheres em sujeitos da população geral.

Hipóteses

1. Haverá diferenças nos níveis de agressão relacionada ao gênero dos participantes (os homens expostos a postagens de cibersexismo apresentarão aumento nos níveis de agressão quando comparados ao grupo de mulheres expostas).

2. Os homens terão maiores escores do que as mulheres na Escala de Cibersexismo Hostil (ECH).

3. Diante da exposição a postagens com ameaças de estupro, a empatia vai mediar a relação entre gênero dos participantes e o apoio à violência contra as mulheres.

4. O gênero atuará como um moderador, pois a exposição as postagens de ameaças de estupro causarão aumento da probabilidade de agressão apenas nos participantes homens.

Método dos Estudos 1 e 2

Amostra

O tamanho amostral mínimo é de 200 sujeitos, com poder de 0,80, $p < 0,05$ e tamanho de efeito de 0,40, esse cálculo foi realizado utilizando o software G-Power. Participaram da pesquisa (N = 204; 63,2% mulheres, média de idade = 26,6 anos; DP = 9,05) divididos em 100 no grupo controle e 104 no grupo experimental. No grupo controle, participaram (50%) do sexo feminino e (50%) do sexo masculino, com idades entre 18 e 64 anos. Sendo a maioria (90%) da região Nordeste, seguido de (3%) da região Sudeste e (3%) da região Sul. Em relação ao estado civil foram (46,9%) solteiros, seguido de (35%) em um relacionamento.

Já no grupo experimental, participaram (76,5%) do sexo feminino e (23,5%) do sexo masculino, com idades entre 18 e 58 anos. Sendo a maioria (91,1%) da região Nordeste, seguido de (4,9%) da região Sudeste. Em relação ao estado civil (52,9%) solteiros, seguido de (27,4%) em um relacionamento.

Critérios de inclusão: Ter mais de 18 anos de idade, ser capaz de compreender as instruções da pesquisa e residir no Brasil.

Critérios de exclusão: Ter menos de 18 anos de idade, apresentar alguma dificuldade ou desconforto no decorrer da pesquisa, não residir no Brasil.

Instrumentos

Medida de Agressão: Para mensurar a agressão, foi utilizada uma adaptação para o contexto online do paradigma do molho de pimenta (Lieberman et al., 1999). Nessa técnica, os

participantes são convidados a contribuir em outro estudo do laboratório, sobre como preferências alimentícias impactam a experiência de diversas mídias (engodo): para tal, eles devem atribuir porções a dois grupos: uma porção de arroz com molho de pimenta para um grupo de pessoas que não gostam de comida apimentada (agressão). O nível de agressão é mensurado pelo tamanho das porções (e.g. quantidade de pimenta em ml) e nível de picância escolhido (de suave à extra picante). Por se tratar de um estudo focado na agressão contra mulheres, será especificado que todos os participantes desse estudo fictício são do gênero feminino.

Escala de afetos positivos e negativos versão reduzida: desenvolvida por Watson e colaboradores (1988) e validada por Galinha, Pereira e Esteves (2014). É composta de 10 adjetivos que descrevem sentimentos e emoções e estão divididos em dois fatores (Afetos Positivos e Afetos Negativos).

Inventário de Personalidade de Dez Itens - TIPI: Validada por Pimentel e Seco (2011), trata-se de uma medida breve dos cinco grandes fatores de personalidade, composta por dez itens. Os participantes devem responder com base no estímulo: “Eu me vejo como alguém...”, seguindo os itens (e.g., “Crítico, briguento”; “Simpático, acolhedor"). Os itens eram avaliados em uma escala de concordância do tipo Likert com 7 pontos, variando entre 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida: desenvolvida por Bryant e Smith (2001) e validada para o português por Paiva, Pimentel e Menezes (2020). Possui 12 itens, é composta por 4 dimensões: agressão verbal, agressão física, hostilidade e raiva. Os itens eram avaliados em uma escala de concordância do tipo Likert com 5 pontos, variando entre 1 = Discordo totalmente e 7 = Concordo totalmente.

Dark Triad Dirty Dozen (Versão brasileira): Foi desenvolvida por Peter K. Jonason e Gregory D. Webster em 2010. E validada para o contexto brasileiro por Gouveia et al., (2016). Essa escala é composta por 12 itens, com 4 itens para cada traço da Tríade Sombria (Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia).

Questionário Sociodemográfico: Objetivando caracterizar a amostra, foram adicionadas perguntas acerca de gênero, idade, cidade e região.

Procedimentos

O projeto foi inicialmente submetido ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ao ser emitido o parecer favorável (parecer 83233624.8.0000.5188), foi dado início a coleta dos dados, segundo as recomendações estabelecidas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas realizadas com seres humanos.

Em seguida, os participantes foram convidados a participar de um estudo sobre redes sociais e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha as informações gerais da pesquisa, o contato dos pesquisadores e a informação de que poderiam abandonar o estudo a qualquer momento que sentissem necessidade. A aplicação ocorreu de modo online, através de um formulário desenvolvido no Google Forms e compartilhado nas redes sociais (Instagram, WhatsApp, Facebook etc) .

Os participantes foram distribuídos de forma aleatória em dois grupos (utilizando, para isso, a extensão Allocate Monster). O grupo experimental teve 104 participantes e o grupo controle 100 participantes. Os quais foram convidados a participar de um estudo sobre redes sociais e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha as

informações gerais da pesquisa, o contato dos pesquisadores e a informação de que poderiam abandonar o estudo a qualquer momento que sentissem necessidade.

Depois disso, responderam ao Questionário de Agressão de Buss-Perry versão reduzida, Dark Triad Dirty Dozen (Versão brasileira), Inventário de Personalidade de Dez Itens – TIPI e foram expostos às postagens referentes ao seu grupo. As imagens utilizadas foram feitas através de inteligência artificial. Os estímulos foram apresentados com uma escala Likert de 5 pontos, variando de “Gostei muito” até “Detestei”. Os estímulos do grupo experimental podem ser visualizados na Figura 1 e Figura 2. Enquanto os estímulos do grupo controle podem ser visualizados na Figura 3 e Figura 4.

Figura 1. *Estímulo do Grupo Experimental*

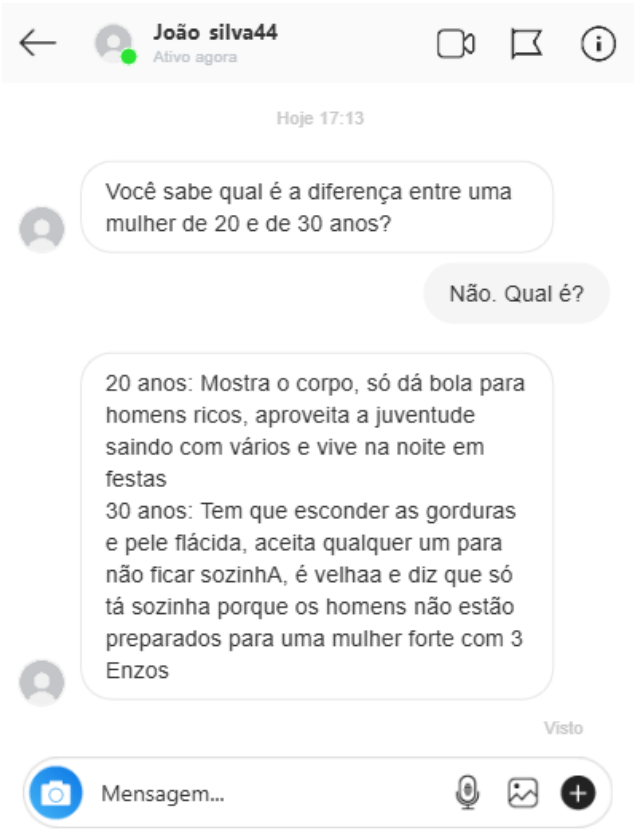


Figura 2. *Estímulo do Grupo Experimental*

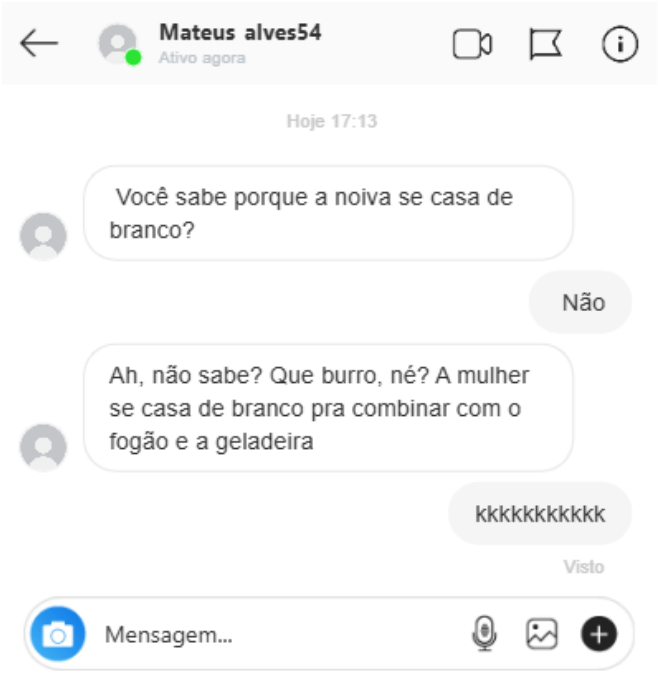


Figura 3. *Estímulo do Grupo Controle*



Figura 4. *Estímulo do Grupo Controle*



Após a exposição responderam a checagem de manipulação, que constou em 3 perguntas: "O quão violentas eram as postagens?", respondida em uma escala Likert de 5 pontos variando de "Nada violentas" a "Extremamente violentas"; "De forma geral, como você se sentiu após ler as postagens?", respondida em uma escala Likert de 5 pontos variando de "Muito mal" a "Muito bem"; "De forma geral, quanto você concorda com as opiniões exibidas nas postagens?", respondida em uma escala Likert de 5 pontos variando de "Nem um pouco" a "Completamente".

Em seguida, responderam a Escala de afetos positivos e negativos versão reduzida, a Medida de Agressão (adaptação para o contexto online do paradigma do molho de pimenta), a Escala de Cibersexismo Hostil e o questionário sociodemográfico. Por fim, foi realizado o *debriefing.*

Estudo 1: Desenvolvimento da Escala de Cibersexismo Hostil

Tipo de Estudo: Psicométrico

O presente estudo buscou desenvolver e validar a Escala de Cibersexismo Hostil. O desenvolvimento desse instrumento teve como objetivo construir uma medida com índices

psicométricos adequados para operacionalização do cibersexismo, visando testar empiricamente hipóteses do estudo experimental subsequente. Os resultados foram divididos nas seguintes seções: a) Validade de Conteúdo e estrutura interna; b) Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo; c) Teoria de Resposta ao Item utilizando o Rasch Politômico

Validade de Conteúdo e Estrutura Interna

A escala foi desenvolvida baseando-se na Teoria do Sexismo Ambivalente, especificamente na dimensão Hostil. Em detrimento dessa definição, foi desenvolvida uma lista de itens, de acordo com os critérios padrão de Moreno et al., (2006) para a construção de itens (e.g., delimitação de forma precisa e sem ambiguidade). A lista de itens foi submetida a um estudo de validade de conteúdo baseado em especialistas da área, os três juízes revisaram o conjunto inicial de itens para garantir que eles cobrissem adequadamente a amplitude do cibersexismo hostil.

Diante disso, os juízes avaliaram para quais dimensões cada item pertencia, de acordo com o seu conteúdo, através de uma tarefa de correspondência (Mastaglia et al., 2003). Além disso, classificaram em uma escala likert de 5 pontos, variando de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente” sobre os critérios: Pertinência do item ao construto, adequação da linguagem e clareza na redação do item. Eles também foram convidados a sugerir correções para os itens para melhorar a validade de conteúdo.

Foi calculado o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC), desenvolvido por Hernandez-Nieto (2002) para cada indicador (pertinência, adequação da linguagem e clareza) dividido pelo número de juízes, obtendo como resultados: Pertinência: CVC= 0,95; Adequação da linguagem: CVC= 0,95; Clareza: 0,96.

Análise de Dados:

Foi utilizado o software estatístico Factor para realizar uma Análise Fatorial Exploratória (AFE). O Software estatístico Jasp foi utilizado para realizar o test t, a ANOVA fatorial e a Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo.

Procedimentos de Análises de Dados:

A análise fatorial exploratória (AFE) teve como objetivo avaliar a estrutura fatorial da Escala de Cibersexismo Hostil. Foi utilizada a matriz policórica e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). O número de fatores a ser retido foi realizado por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) com rotação Robust Promin (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

A adequação do modelo foi avaliada através de índices de ajuste: *Root Mean Square Error of Aproximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). Além disso, a estabilidade dos fatores foi avaliada através do índice *H* (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Este índice avalia quão bem um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Os valores de *H* variam de 0 a 1. Valores altos de *H* (> 0,80) sugerem uma variável latente bem definida, que é mais provável que seja estável em diferentes estudos. Além disso, foi implementada a medida de importância de Pratt (Wu & Zumbo, 2017), com intuito de complementar a interpretação das cargas fatoriais.

Resultados:

Os testes de esfericidade de Bartllet ($\chi^{2\,(105)} = 1.026{,}8$, $p < 0{,}001$) indicou que existem correlações suficientes entre os itens para prosseguir com a fatoração e KMO (0,82) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. Por fim, a análise paralela sugeriu que a

escala possui 1 fator, indicando que a escala é unidimensional e mede o construto de forma robusta. Tendo isso em vista, essa escala será aplicada no estudo experimental subsequente a fim de avaliar se a manipulação experimental causará mudanças nos níveis de cibersexismo hostil de acordo com os grupos e gênero.

Tabela 1. *Resultados da Análise Paralela*

Fatores	**Percentual de variância explicada dos dados reais**	**Percentual de variância explicada dos dados aleatórios (95% IC)**
1	41.5150*	15.4750
2	13.4219	13.6394
3	10.3376	12.4197
4	6.7065	11.2804
5	5.4718	10.1085
6	5.0765	9.2646
7	4.4681	8.2403
8	3.6784	7.3380
9	3.2960	6.4818
10	2.1001	5.6738
11	1.8950	5.6738
12	1.3679	4.8216
13	0.4108	3.9789
14	0.2543	3.0019

Nota: O número de fatores a ser retido é um, pois apenas um fator dos dados reais apresenta % de variância explicada maior do que os dados aleatórios.

Tabela 2. *Estrutura fatorial da Escala de Cibersexismo Hostil (ECH)*

Itens	Fator 1
1. Mulheres não deveriam ocupar cargos de moderação em redes sociais porque se deixam levar por sentimentos, prejudicando a imparcialidade.	0.463
2. Mulheres são tão capazes quanto homens de mediar debates sérios na internet, usando racionalidade e análise de fatos*	0.726
3. Homens são naturalmente mais aptos a dominar espaços online relacionados a tecnologia, games ou ciência.	0.499
4. É normal fazer comentários sexualizados sobre mulheres em redes sociais	0.659
5. Quando mulheres expressam opiniões fortes na internet, elas geralmente estão exagerando e devem ser corrigidas.	0.448
6. Mulheres devem se sentir livres para discutir qualquer tema nas redes sociais, incluindo tecnologia, política ou ciência, não apenas assuntos “femininos”*	0.860
7. Mulheres que ocupam espaços de liderança online (como criadoras de conteúdo) não são tão competentes quanto os homens.	0.749
8. Quando a mulher posta foto de biquíni, sua intenção é chamar a atenção de um homem	0.493

9. Mulheres que postam fotos sensuais online estão apenas buscando validação masculina	0.575
10. Homens têm o direito de monitorar ou criticar o comportamento de mulheres nas redes sociais, pois elas não sabem se comportar adequadamente.	0.594
11. É aceitável que homens façam comentários sexualizados sobre mulheres em jogos online ou redes sociais, pois é apenas uma brincadeira.	0.535
12. É natural que homens dominem espaços online de tomada de decisão, como moderação de grupos ou administração de fóruns.	0.418
13. Homens não têm o direito de enviar mensagens íntimas ou insinuantes para mulheres online sem seu consentimento explícito*	0.034
14. Homens devem moderar fóruns online porque mulheres são muito emocionais para tomar decisões racionais.	0.079
15. As mulheres não deveriam ter voz ativa em discussões online sobre temas técnicos ou políticos.	0.128

Nota: Item invertido

H-latent	0.915

Os itens 13, 14 e 15 não apresentaram cargas fatoriais adequadas e os seus valores de Medida de Adequação da Amostragem (MSA) foram, respectivamente, 0.62403, 0.45476 e

0.58010, indicando que o item não mede o mesmo domínio que os demais itens do conjunto e, portanto, deve ser removido do instrumento (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021). Os demais itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, possuindo cargas fatoriais elevadas. O item 6 obteve a maior carga fatorial (0,860), seguido do item 2 (0,726).

Em relação a confiabilidade, o ômega de McDonald ($\omega = 0.85$) foi indicativo de uma boa consistência de medida do traço latente do instrumento e o Alfa de Cronbach ($\alpha = 0.83$) indicou uma boa confiabilidade interna do instrumento, com boa consistência entre os itens. Os índices de ajuste do instrumento foram adequados (χ^2 = 996,67, *gl* = 105; $p < 0,001$; RMSEA = 0,063 (0,054 – 0,064); CFI = 0,948; TLI = 0,940). A medida de replicabilidade da estrutura fatorial (*H*-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) constatou alta taxa de replicabilidade em estudos futuros ($H < 0,91$).

Mensurando a Invariância entre Gêneros: Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFCMG)

Foi realizada uma análise fatorial confirmatória multigrupo (AFCMG) com o objetivo de investigar a invariância da Escala de Cibersexismo Hostil para homens e mulheres. A análise foi realizada utilizando o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS), o qual é adequado para dados categóricos (DiStefano & Morgan, 2014; Li, 2016). A AFCMG avaliou a invariância da medida em três modelos: configural, métrico e escalar.

O objetivo do modelo 1, que trata da invariância configural, foi de avaliar se a configuração da escala (número de fatores e itens por fator) era aceitável para os grupos masculino e feminino. Já o modelo 2, que trata da invariância métrica, buscou analisar se as cargas fatoriais dos itens podem ser consideradas equivalentes entre os grupos masculino e feminino. Por fim, o modelo 3, que trata da invariância escalar, buscou investigar se o nível de

traço latente necessário para endossar as categorias dos itens, ou seja, os *thresholds* eram equivalentes entre os grupos (Cheung & Rensvold, 2002).

Para isso, os índices de ajuste utilizados foram, *Standardized Root Mean Square Residual (SRMR)*, *Comparative Fit Index* (CFI), *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). Tendo isso em vista, a invariância da medida foi avaliada utilizando o teste de diferença do CFI (ΔCFI). Ao fixar um parâmetro, não foi encontrada redução significativa nos índices de CFI (ΔCFI > 0,01), então, a invariância da medida foi acatada (Cheung & Rensvold, 2002).

Tabela 1. *Análise Fatorial Confirmatória Multigrupo (AFMG) para a Escala de Cibersexismo Hostil (ECH).*

Invariância da medida	Goodness-of-fit indexes				
ECH	RMSEA (90% IC)	SRMR	TLI	CFI	ΔCFI
Invariância Configural	0,00 (0,00-0,00)	0,123	1,07	1,00	-
Invariância Métrica	0,028 (0,00–0,053)	0,141	0,97	0,97	0,02
Invariância Escalar	0,031(0,00-0,054)	0,137	0,96	0,96	0,01

Resultados

Os resultados demonstraram a invariância configural, métrica e escalar. Portanto a Escala de Cibersexismo Hostil (ECH) é uma medida equivalente para homens e mulheres, permitindo assim, a comparação entre os grupos.

Estudo 2: Exposição a Postagens de Cibersexismo

Tipo de Estudo: Experimental

Checagem de Manipulação:

Foi realizada a checagem de manipulação através de um teste *t* de Student para amostras independentes com o objetivo de investigar se os participantes do grupo experimental compreenderam o estímulo como sendo mais violento do que os participantes do grupo controle. Os resultados foram estatisticamente significativos e demonstraram que o grupo experimental obtiveram escores estatisticamente maiores (M = 4,17; DP = 1,01) do que o grupo controle (M = 1,20; DP = 0,688) ($t(198) = -23,84$, $p < 0,001$).

Além disso, foi realizado também um test t de Student para amostras independentes para comparar as médias entre o grupo experimental e o grupo controle com o objetivo de compreender em que medida os participantes do grupo controle se sentiram piores ao serem expostos aos estímulos violentos, em comparação com os participantes do grupo controle, que não foram expostos a tais estímulos violentos.

Os resultados foram estatisticamente significativos e demonstraram que o grupo experimental demonstrou ter se sentido pior, pontuando escores menores (M = 2,06; DP = 0,90) do que o grupo controle, que pontuou escores maiores (M = 3,59; DP = 0,96) ($t(198) = 11,54$, $p < 0,001$).

Test t

Foi observado que os homens pontuaram mais alto do que as mulheres na Escala de Cibersexismo Hostil (ECH) através de um test t para amostras independentes. A normalidade dos dados foi avaliada através dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk.

Além disso, o pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado através do teste de Levene. Foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC

BCa) com intuito de se obter maior confiabilidade dos resultados e apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias, segundo Haukoos & Lewis (2005). Foi obtido tamanho de efeito médio (d de Cohen = 0,52). Os resultados encontrados foram estatisticamente significativos e podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 1. *Resultados do teste de diferença nos escores na escala de cibersexismo hostil entre homens e mulheres.*

		Escores		**Estatística do teste *t (Bootstrapping sample)***					
		M	*DP*	*t*	*Gl*	Valor-*p*	Diferença de Média	IC da Diferença de Média (95%)	
								Limite inferior	Limite superior
ECH	Homens	22,38	8,27	3,63	203	0,002	1,09	1,52	5,72
	Mulheres	18,77	5,82						

Nota: M= média dos escores; DP= desvio-padrão; t= estatística do teste; Gl= graus de liberdade; IC= intervalo de confiança

Manova Fatorial

Foi realizada uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Hostilidade, Agressão Verbal, Agressão Física e Raiva variavam de acordo com o gênero e grupo.

Tabela 2. *Estatística descritivas para as variáveis Hostilidade, Agressão Verbal, Agressão Física e Raiva subdivididas por gênero e grupo.*

	Sexo	Grupo	*N*	*Média*	*DP*
Hostilidade	Feminino	Controle	50	6,30	2,88
		Experimental	79	5,84	2,68
		Total	129	6,02	2,76
	Masculino	Controle	49	5,38	2,69
		Experimental	25	6,08	2,84
		Total	74	5,62	2,74
	Total	Controle	99	5,84	2,81
		Experimental	104	5,90	2,71
		Total	203	5,87	2,75
Agressão Verbal	Feminino	Controle	50	9,60	2,49
		Experimental	79	7,59	2,26
		Total	129	8,37	2,54
	Masculino	Controle	49	8,71	2,62
		Experimental	25	9,68	1,97
		Total	74	9,04	2,54
	Total	Controle	99	9,16	2,59
		Experimental	104	8,09	2,36
		Total	203	8,61	2,52
Agressão Física	Feminino	Sim	50	6,50	2,28
		Não	79	6,21	1,97
		Total	129	6,32	2,09
	Masculino	Sim	49	6,32	2,35
		Não	25	6,80	1,97
		Total	74	6,48	2,23
	Total	Sim	99	6,41	2,31
		Não	104	6,35	1,98

		Total	203	6,38	2,14
Raiva	Feminino	Sim	50	8,96	2,79
		Não	79	7,88	2,86
		Total	129	8,30	2,87
	Masculino	Sim	49	8,02	2,83
		Não	25	8,68	2,71
		Total	74	8,24	2,79
	Total	Sim	99	8,49	2,83
		Não	104	8,07	2,83
		Total	203	8,28	2,83

O teste *M* de Box acatou o pressuposto de homogeneidade de covariância (Box´s *M* = 26,726; *F*(30, 37748,109), *p* = 0,698). A MANOVA apresentou resultado estatisticamente significativo para a interação Gênero*Grupo (*F*(4, 196) = 4,516, *p* < 0,001; Partial η^2 = 0,84).

Com intuito de compreender melhor os achados, foram realizadas análises subsequentes (post-hoc de Bonferroni) (Tabela 3).

Na análise intergrupos, foi observado que as mulheres do grupo controle pontuaram mais em agressão verbal e raiva do que as mulheres do grupo experimental, indicando possivelmente que as mulheres do grupo experimental não foram afetadas pelas postagens, por terem sido direcionadas ao endogrupo (grupo social em que se identifica).

Tabela 3. *Análises subsequentes*

Efeitos de Interação (Gênero*Grupo)	Grupos comparados	Diferença de Média	Intervalo de Confiança (95% BCa)

					Inferior	Superior
Agressão (Feminino)	Verbal	Controle	Experimental	2,085*	1,196	2,999
Raiva (Feminino)		Controle	Experimental	1.074**	0,068	2,079

Nota: * p < 0,001; ** p < 0,005

Para as dimensões Agressão Verbal e Raiva os resultados foram estatisticamente significativos. Em agressão verbal os homens pontuaram mais alto no grupo experimental (M= 9,68 DP= 1,97) em relação às mulheres, com efeito alto (M= 7,59 DP= 2,26; Cohen's D = 0,952). Na dimensão raiva os homens pontuaram mais alto no grupo experimental (M= 8,68 DP= 2,71) em relação às mulheres, com efeito pequeno (M= 7,88 DP= 2,86; Cohen's D = 0,283). Já para Agressão Física e Hostilidade os resultados foram estatisticamente não significativos. Não houve efeito principal para Gênero (F(4, 196) = 1,337, p = 0,258; Partial η^2 = 0,027), nem para Grupo (F(4, 196) = 0,879 p = 0,477; Partial η^2 = 0,018)

Manova Fatorial

Foi realizada uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) com o objetivo de investigar em que medida os níveis de Psicopatia, Maquiavelismo e Narcisismo variam para homens e mulheres nos grupos controle e experimental. A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas de todos os grupos.

Tabela 1. *Estatística descritivas para as variáveis Psicopatia, Maquiavelismo e Narcisismo subdivididas por gênero e grupo.*

	Gênero	Grupo	*N*	*Média*	*DP*
Psicopatia	Feminino	Controle	50	6,40	2,64
		Experimental	79	6,06	2,94
		Total	129	6,19	2,82
	Masculino	Controle	49	8,00	2,86
		Experimental	25	8,32	3,67
		Total	74	8,10	3,13
	Total	Controle	99	7,19	2,85
		Experimental	104	6,60	3,26
		Total	203	6,89	3,07
Maquiavelismo	Feminino	Controle	50	5,88	2,24
		Experimental	79	6,13	2,90
		Total	129	6,03	2,66
	Masculino	Controle	49	7,08	3,11
		Experimental	25	7,80	3,50
		Total	74	7,32	3,24
	Total	Controle	99	6,47	2,76
		Experimental	104	6,53	3,12
		Total	203	6,50	2,94
Narcisismo	Feminino	Sim	50	9,44	4,25
		Não	79	9,54	4,35
		Total	129	9,50	4,30
	Masculino	Sim	49	9,44	3,58

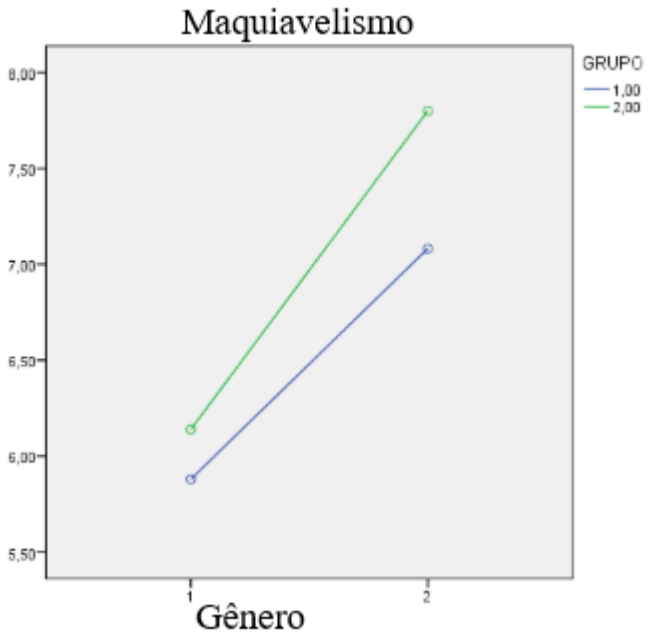
	Não	25	11,24	3,60
	Total	74	10,05	3,67
Total	Sim	99	9,44	3,92
	Não	104	9,95	4,23
	Total	203	9,70	4,08

O teste *M* de Box acatou o pressuposto de homogeneidade de covariância (Box´s M = 21,625; $F(18, 45302{,}70)$, p = 0,284). A MANOVA apresentou resultado estatisticamente significativo para a variável gênero com alto tamanho de efeito ($F(3, 197) = 7{,}159$, $p < 0{,}001$; Partial $\eta^2 = 0{,}09$). Não houve efeito principal para grupo ($F(3, 197) = 0{,}891$, $p = 0{,}447$; $\eta^2 =$ 0,013), nem para a interação gênero*grupo ($F(3, 197) = 0{,}727$, $p = 0{,}537$; $\eta^2 = 0{,}011$).

ANOVAs subsequentes e testes a posteriori (*post-hoc* de Bonferroni) demonstraram que, em relação ao gênero e grupo, a variável Psicopatia apresentou diferenças estatisticamente significativas ($F(1, 159) = 18{,}298$, $p < 0{,}001$; $\eta^2 = 0{,}084$), como também, a variável Maquiavelismo ($F(1, 88) = 10{,}526$, $p < 0{,}001$; $\eta^2 = 0{,}050$) Foi obtido tamanho de efeito alto (Cohen's d = 3,43)

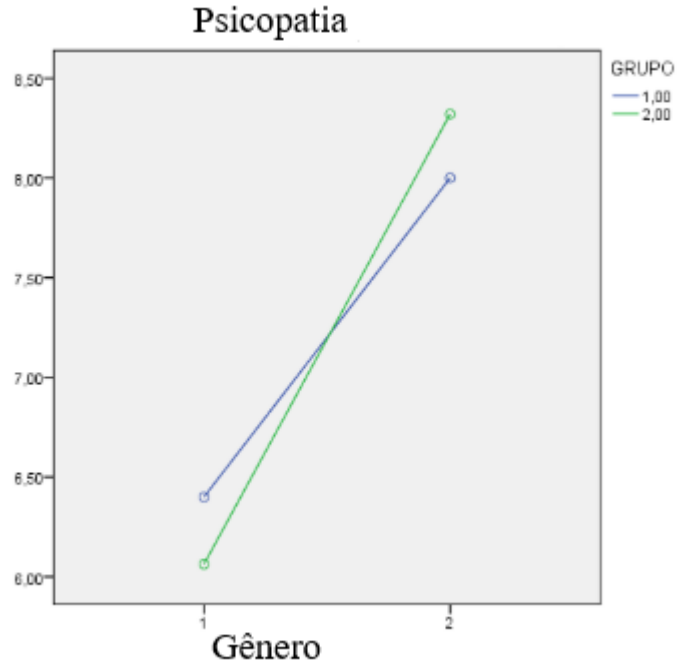
É importante destacar que embora o resultado global da MANOVA para a interação entre grupo*gênero não tenha sido significativo, análises de cruzamento (post-hoc) encontraram efeitos significativos, que são detalhados na Figura 1 e Figura 2. Sendo assim, ficou demonstrado que os homens do grupo experimental pontuaram mais em Psicopatia (M= 8,32 DP= 3,67) do que as mulheres, com tamanho de efeito médio (M=6,06 DP= 2,94 $p < 0{,}05$; Cohen's d = 0,72). Ainda, os homens do grupo experimental pontuaram mais em Maquiavelismo (M= 7,80 DP= 3,50) do que as mulheres, com tamanho de efeito médio (M= 6,13 DP= 2,90 $p < 0{,}05$; Cohen's d = 0,54).

Figura 1. Níveis de Maquiavelismo de homens e mulheres do grupo experimental



Nota: 1= Grupo Controle; 2= Grupo Experimental

Figura 2. *Níveis de Psicopatia de homens e mulheres do grupo experimental*



Nota: 1= Grupo Controle; 2= Grupo Experimental

Moderação

Foi realizada uma análise de moderação com o objetivo de investigar em que medida a posição política modera a relação entre os níveis de cibersexismo hostil e gênero. Conforme visto na Tabela 1, a interação entre gênero e posição política foi estatisticamente significativa. Para melhor compreender o efeito, a variável moderadora foi dividida em três partes, adotando os pontos de corte: 16% inferior, 68% mediano e 16% superior (Hayes, 2018).

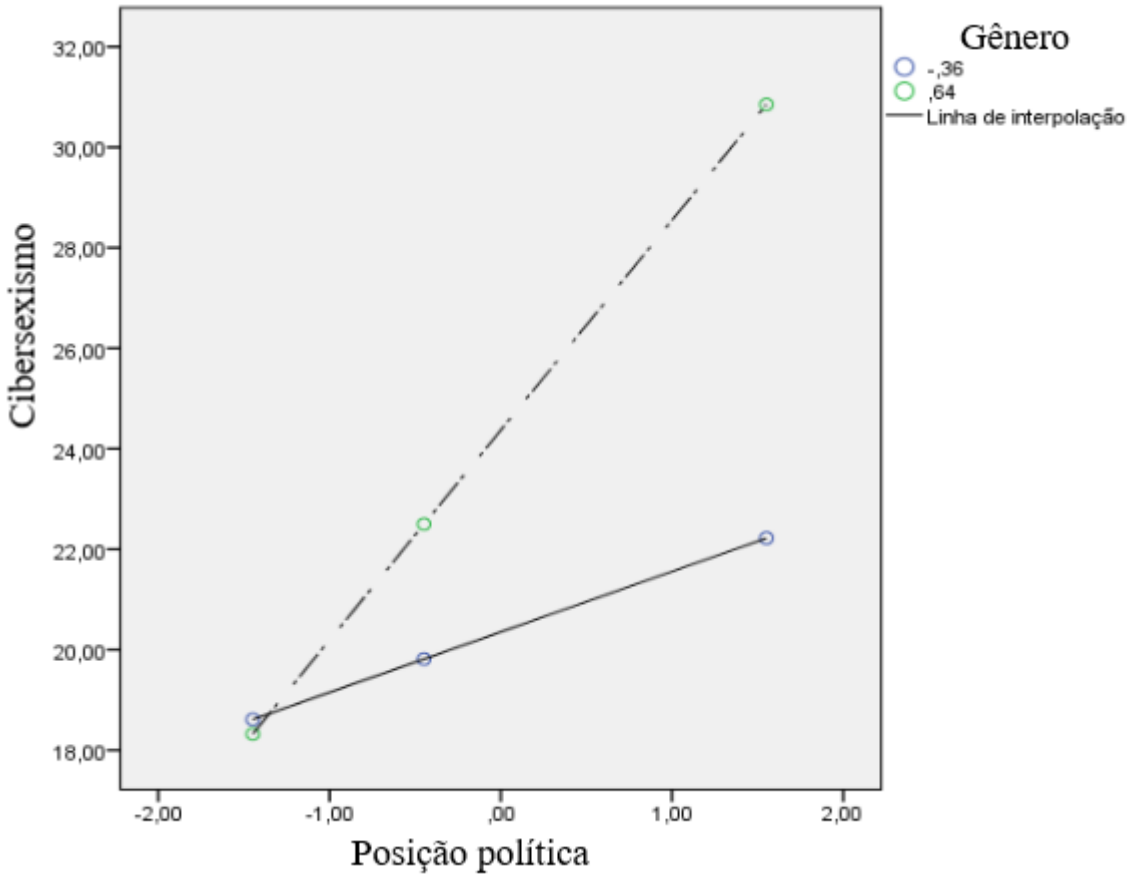
Quando os níveis de posição política eram menores (maior pontuação para a posição política de esquerda), a relação entre os níveis de cibersexismo hostil e gênero foram não significativos (B = -2,887, p = 0,847). O mesmo ocorre para o nível intermediário (posição política de centro) (B = 2684, p = 0,017). Entretanto, quando os níveis de posição política eram maiores (maior pontuação para a posição política de direita), a relação entre os níveis de cibersexismo hostil e gênero foram estatisticamente significativos (B = 8,630, p = 0,000). Indicando que a posição política de direita foi um moderador da relação entre o cibersexismo hostil e o gênero.

Tabela 1. *Efeitos do modelo de moderação*

	Coeficiente (b)	***Erro-Padrão***	***t***	***p***
Constant	21,821	0,475	45.867	0,000
Gênero (x)	4,017	0,988	4,062	0,001
Posição Política (W)	2,286	0,357	6,400	0,000
Interação (X*W)	2,973	0,758	3,918	0,001
Efeitos Condicionais (W)				
- 1.44 (16% Inferior)	-2,887	1,499	-0,192	0,847

- 0.44 (64% mediano)	2,684	1,055	2,544	0,017
1.55 (16% superior)	8,630	1,515	5,695	0,000

Figura 1. *Efeitos do modelo de moderação*



c) Teoria de Resposta ao Item (TRI): Utilizando Rasch Politômico

Procedimentos de análise de dados

As propriedades psicométricas da escala de Cibersexismo Hostil foram avaliadas através do modelo Rasch para dados politômicos (*Rating Scale*; Andrich, 1978). Foram avaliados indicadores da fidedignidade das pessoas e dos itens e desvios de desempenho, por meio dos índices de *infit* e *outfit*. Além disso, foi investigado se houve funcionamento diferencial (DIF) para sexo.

Em relação aos índices de fidedignidade, são esperados valores maiores que 0,70 (Linacre, 2021). Os índices de *infit* e *outfit* quantificam resíduos para os itens em relação ao modelo testado (Bond, Yan, & Heene, 2020; Linacre, 2021). Tendo isso em vista, o *Infit* avalia padrões de resposta inesperados de indivíduos que apresentam um nível de traço latente (theta) equivalente ao nível de dificuldade do item. Já o *Outfit*, verifica padrões de resposta inesperados daqueles que apresentam um nível de traço latente (theta) abaixo ou acima do nível de dificuldade do item. Essas estimativas podem ser avaliadas pelos indicadores quadrado médio (*mean square;* MNSQ) e z-padronizado (*z standardized*; ZSTD).

Para o MSNQ, o valor padrão esperado é 1. Valores maiores que 1 indicam que as estimativas apresentaram mais variação do que o esperado pelo modelo Rasch (ou seja, desajuste) enquanto valores menores que 1 indicam menos variação do que o esperado pelo Modelo Rasch (ou seja, sobreajuste). As pontuações aceitáveis do MNSQ normalmente variam de 0,5-1,5 logits (Wright & Linacre, 1994). Em relação ao ZSTD, os valores acima de |2| são indicativos de que a estimativa não se ajusta adequadamente aos dados.

Por fim, o DIF foi avaliado por meio do procedimento de Mantel (Mantel, 1963; Linacre, 2021). O qual avalia os itens em que as estimativas de dificuldades se apresentaram como estatisticamente diferentes para homens e para mulheres ($p \leq 0{,}05$). A magnitude do DIF foi interpretada através do *DIF contrast*: valores entre | .00 | e | .43 | são considerados baixos/negligíveis; já os valores entre | .44 | e | .64 | são considerados moderados e valores acima de | .64 | são considerados altos (Linacre, 2021).

Resultados

As análises iniciais apresentaram adequados índices de confiabilidade para os itens (Confiabilidade = 0,91; Índice de Separação = 3.26) mas não para as pessoas (Confiabilidade = 0,24; Índice de Separação = 0.56), o que sugere que o instrumento é adequado para medir o construto por conseguir uma boa diferenciação entre os diferentes níveis de traço latente, porém, a amostra de pessoas avaliadas é muito homogênea (pouco variável). Ou seja, os respondentes foram muito parecidos entre si.

O mapa item-pessoa (Figura 1) demonstra que a amostra apresentou, no geral, nível de traço latente menor do que a dificuldade dos itens (média de theta = -1.65; média da dificuldade dos itens = 0). Ainda é possível perceber no gráfico que boa parte dos itens estão agrupados entre $\pm$ 1 logit, de modo que existe uma maior precisão na estimativa do theta dos participantes que estão nessa amplitude do continuum. Essa informação é corroborada pela Curva de Informação do Teste, a qual é apresentada na Figura 2.

Figura 1. *Mapa item-pessoa da Escala de Cibersexismo Hostil*

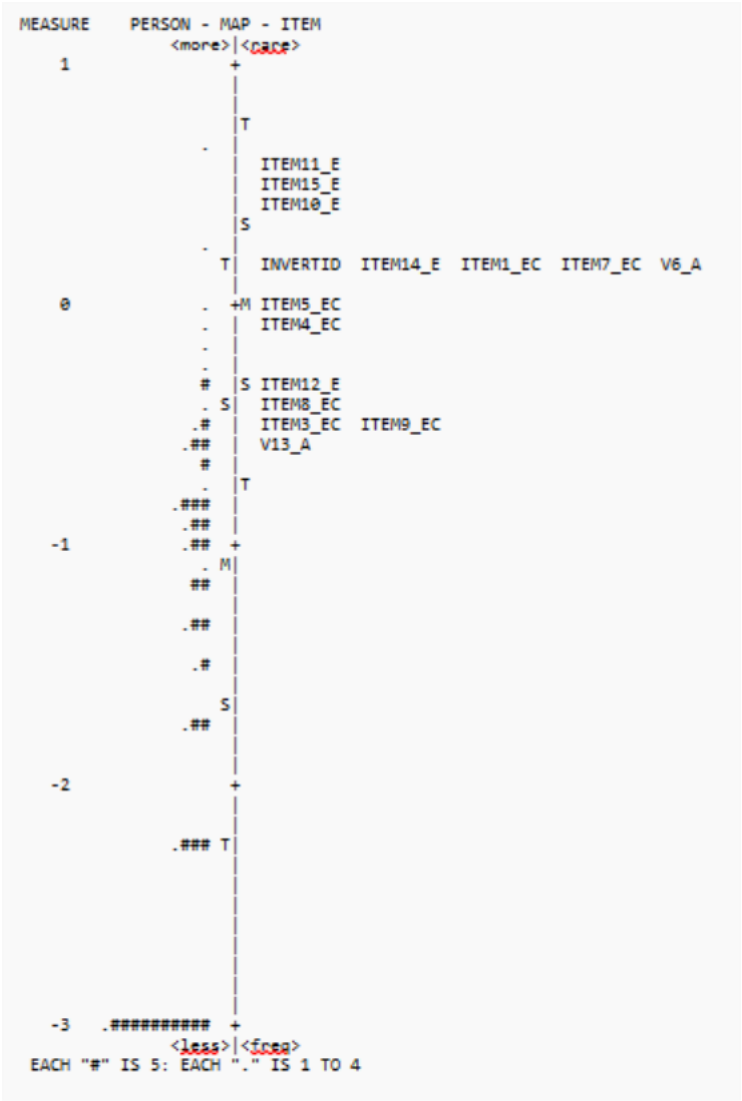
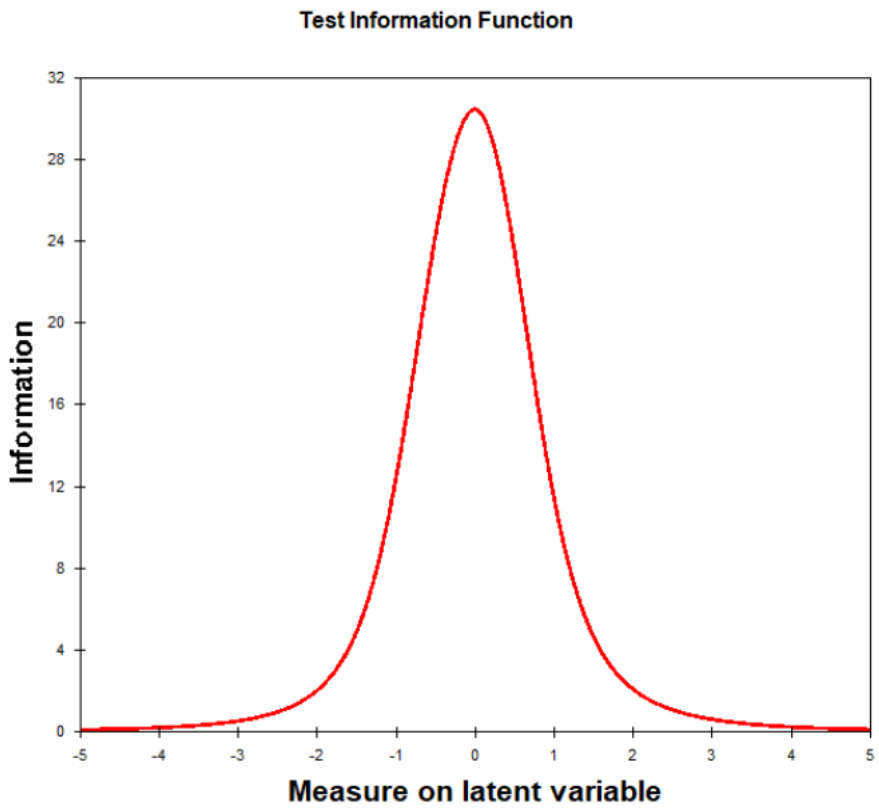


Figura 2. *Curva de Informação do Teste*



Em relação às estatísticas dos itens individualmente, a Tabela 1 apresenta os indicadores de dificuldade global dos itens, *infit* e *outfit*, bem como os *thresholds* (*limiares*). Conforme pode ser visto, o item mais difícil foi o item 11 (δ = .62) e o item mais fácil foi o item 13 (δ = -.60). Os limiares de todos os itens apresentaram estrutura decrescente. Em relação aos desvios de desempenho (infit e outfit), é possível perceber que o item 3 (Infit ZSTD = -2.73), item 5 (Infit ZSTD = -2.56), item 8 (Infit ZSTD= -5.62; Outfit ZSTD= -2.67) e o item 9 (Infit ZSTD= -3.06; Outfit ZSTD= -2.67) apresentaram padrão de desempenho fora dos pontos de corte esperados.

Mais especificamente, esses itens apresentaram um sobreajuste ao modelo Rasch (i.e., um padrão de resposta melhor do que o esperado). Já o item 13 (“Homens não têm o direito de enviar mensagens íntimas ou insinuantes para mulheres online sem seu consentimento explícito.”) obteve (Infit ZSTD= 7.33; Outfit ZSTD= 4.39), indicando padrão de resposta imprevisível.

Tabela 1. *Estimativas de dificuldade, thresholds e desvios de desempenho (infit e outfit) da Escala de Cibersexismo Hostil*

Itens	**Dificuldade**	**E.P**	***Limiares***				***Infit***		***Outfit***	
			τ_1	τ_2	τ_3	$\tau 4$	MNSQ	ZSTD	MNSQ	ZSTD
1	.16	.10	1,36	.49	.50	.13	1.04	.24	1.33	1.09
2	.15	.10	1,27	.39	.41	.03	1.77	3.21	2.04	2.75
3	-.48	.07	1,15	.28	.29	-.09	.73	-2.73	.80	-1.05
4	-.05	.08	.94	.07	.08	-.30	.92	-.45	1.07	.34
5	-.03	.09	.90	.02	.04	-.34	.62	-2.56	.77	-.85
6	.20	.10	.89	.02	.03	-.35	1.52	2.22	1.28	.92
7	.13	.10	.88	.01	.02	-.36	1.35	1.66	1.18	.68
8	-.40	.07	.87	.00	.01	-.37	.48	-5.62	.53	-2.67
9	-.48	.07	.72	-.16	-.14	-.52	.70	-3.06	.53	-2.67
10	.41	.12	.70	-.18	-.16	-.54	1.10	.45	1.28	.84
11	.62	.15	.45	-.43	-.41	-.79	1.16	.59	.48	-1.53
12	-.29	.07	.35	-.53	-.51	-.89	.83	-1.37	1.16	.75
13	-.60	.06	.27	-.61	-.59	-.97	1.94	7.33	2.00	4.39
14	.14	.10	.26	-.61	-.60	-.98	.87	-.63	.69	-1.08
15	.52	.13	.14	-.73	-.72	-1.1	1.40	1.35	1.12	.44

Nota: E.P = erro-padrão; τ_1 = *threshold 1* (categorias 0-1), τ_2 = *threshold 2* (categorias 1-2), τ_3 = *threshold 3* (categorias 2-3); $\tau 4$ = *threshold 4* (categorias 3-4); MNSQ = *mean-square*; ZSTD = *z standardized*

Em relação ao DIF, a Tabela 2 apresenta os resultados. Conforme pode ser visto, o item 6, item 8 e item 13 tiveram $p<0.05$ sendo indicativo de DIF. O item 6 (DIF Contrast = -30), o item 8 (DIF Contrast = .17) e o item 13 (DIF Contrast = -.27), obtiveram tamanho de efeito baixo/negligível, isto é, que pode ser desconsiderado.

Tabela 2. *Funcionamento Diferencial do Item (DIF) da Escala de Cibersexismo Hostil.*

Itens	**Mantel qui-quadrado**	**Sig.**	**DIF Contrast**
1	.28	.59	-.02
2	.16	.68	.00
3	3 .49	.06	.12
4	.08	.77	.04
5	.43	.50	.00
6	4.89	.02	-.30
7	.16	.68	.04
8	10.9	.00	.17
9	2.7	.09	.08
10	.68	.40	.03
11	.61	.43	.30
12	.12	.72	.00

13	7.02	.00	-.27
14	.18	.66	.18
15	.64	.42	-.15

Além do exposto, será testado se indivíduos com baixa Amabilidade (TIPI) são mais propensos a praticar agressão online contra mulheres e se os afetos negativos são preditores de maiores níveis de agressividade.

Estudo 3: Exposição á Postagens com Ameaças de Estupro

Tipo de Pesquisa: Experimental

Objetivo: Investigar em que medida a exposição a postagens com ameaças de estupro impactarão na agressividade e na aceitação da violência contra a mulher. E, se a empatia terá papel mediador e o gênero papel moderador nessa relação.

Participantes: O tamanho amostral mínimo é de 200 sujeitos, com poder de 0,80, $p < 0,05$ e tamanho de efeito de 0,40, esse cálculo foi realizado utilizando o software G-Power. Participaram da pesquisa (N= 200, sendo 59,5% mulheres e 40,5% homens, média de idade= 29,6 anos, DP= 12,79, região= 93% da região Nordeste, 2,5% do Norte, 0,5% do Centro-Oeste e 4% do Sudeste; Estado civil= 40,5% de solteiros, 34% em um relacionamento, 22,5% casados, 1,5% viúvos e 1,5% divorciados). Divididos em 100 participantes do grupo controle e 100 participantes do grupo experimental.

Instrumentos:

Questionário de Agressão de Buss-Perry (Versão curta): Idêntico ao citado no estudo anterior;

Escala Básica de Empatia: Desenvolvida por Jolliffe e Farrington (2006), traduzida e validada para o contexto brasileiro por Prado e Siquara (2023), composta por duas subescalas (EC e EA), divididas ao longo dos 20 itens que a compõem;

Aceitação da violência contra a mulher: Adaptada por Pimentel et al. (2017) para o contexto brasileiro, essa medida possui 11 itens;

Escala de Cibersexismo Hostil (Mota & Pimentel, 2026 - Construída no estudo 1). O instrumento possui 14 itens e a escala de resposta variou de (1= discordo totalmente a 5= concordo totalmente).

Dark Triad Dirty Dozen (Versão Brasileira). Validada para o contexto brasileiro por Gouveia et al., (2016). Essa escala é composta por 12 itens, com 4 itens para cada traço da Tríade Sombria (Maquiavelismo, Narcisismo e Psicopatia).

Questionário Sociodemográfico: Idêntico ao estudo anterior.

Materiais: Para o grupo experimental foram apresentadas uma série de postagens com ameaças de estupro contra mulheres nas redes sociais. Já para o grupo controle, serão apresentadas uma série de postagens com semelhantes categorias de conteúdo, mas com temática neutra.

Procedimentos: O projeto foi inicialmente submetido ao Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ao ser emitido o parecer favorável (parecer 83233624.8.0000.5188), foi dado início a coleta dos dados, segundo as recomendações estabelecidas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde acerca de pesquisas realizadas com seres humanos. A coleta de dados encontra-se em andamento.

Análise de dados: Foi utilizado o software estatístico SPSS para realizar as análises descritivas, teste-t para a checagem de manipulação, MANOVA, moderação e mediação moderada através do software Jasp.

Resultados

Checagem de manipulação:

Foi realizado um teste *t* de Student para amostras independentes com o objetivo de investigar se os participantes do grupo experimental compreenderam o estímulo como sendo mais agressivo do que os participantes do grupo controle. Os resultados foram estatisticamente significativos, demonstraram que o grupo experimental obteve escores estatisticamente maiores (M = 4,02; DP = 1,38) do que o grupo controle (M = 1,48; DP = 0,87) ($t(198) = -2,54$, $p < 0,001$).

Manova Fatorial

Foi realizada uma Análise Multivariada de Variância (MANOVA) com o objetivo de investigar em que medida os níveis de agressividade e empatia cognitiva diante da exposição a postagens com ameaças de estupro impactam homens e mulheres dos grupos controle e experimental. A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas das variáveis.

Tabela 1. *Estatística descritivas para as variáveis Empatia cognitiva e agressividade subdividas por grupo e sexo.*

	Grupo	Sexo	*N*	*Média*	*DP*
Empatia Cognitiva	Controle	Feminino	62	19,75	4,21
		Masculino	37	18,02	4,45
		Total	99	19,11	4,36
	Experimental	Feminino	56	20,23	3,69
		Masculino	44	18,25	4,01
		Total	100	19,36	3,94

	Total	Feminino	118	19,98	3,96
		Masculino	81	18,14	4,19
		Total	199	19,23	4,14
Agressividade	Controle	Feminino	62	26,91	7,37
		Masculino	37	29,16	8,25
		Total	99	27,75	7,75
	Experimental	Feminino	56	25,00	7,81
		Masculino	44	28,38	6,39
		Total	100	26,49	7,38
	Total	Feminino	118	26,00	7,61
		Masculino	81	28,74	7,26
		Total	199	27,12	7,57

O teste *M* de Box acatou o pressuposto de homogeneidade de variância (Box's M= 7,667; F(9, 252280,58), p= 0,58). A MANOVA apresentou resultado estatisticamente significativo para a variável 'sexo' com baixo tamanho de efeito ($F(2, 194) = 8,058$ $p< 0,001$; Partial $\eta^2 = 0,07$. Entretanto, não houve efeito principal para 'grupo' $F(2, 194) = 0,009$ $p=0,398$; Partial $\eta^2 = 0,009$), nem para a interação 'grupo*sexo' ($F(2,194) = 0,002$ $p=0,854$; Partial $\eta^2 = 0,002$).

As ANOVAs subsequentes e testes a posteriori (*post-hoc* de Bonferroni) demonstraram que, em relação ao sexo, a empatia cognitiva apresentou diferenças estatisticamente significativas ($F(1, 195) = 9,908$ $p<0,05$, Partial $\eta^2 = 0,048$) e também a agressividade ($F(1, 195) = 6,777$ $p<0,05$, Partial $\eta^2 = 0,034$), sendo que as pessoas do sexo feminino apresentaram escores maiores em empatia cognitiva do que os participantes do sexo masculino (Ver tabela

1), com tamanho de efeito médio *Cohen's D* = 0,453). E as pessoas do sexo masculino apresentaram escores maiores em agressividade do que as participantes do sexo feminino (Ver tabela 1), com tamanho de efeito pequeno *Cohen's D* = 0,366).

É importante destacar que embora o resultado global da MANOVA para a interação grupo*sexo não tenha sido significativa, análises de cruzamento (*post-hoc*) encontraram alguns efeitos significativos. Especificamente, ficou demonstrado que para a variável empatia cognitiva, as mulheres do grupo experimental apresentaram escores maiores do que os homens deste mesmo grupo (ver Tabela 1), com tamanho de efeito médio *Cohen's D* = 0,517). Além disso, para a variável agressividade, os homens do grupo experimental apresentaram escores maiores do que as mulheres deste mesmo grupo (ver Tabela 1), com tamanho de efeito médio *Cohen's D* = 0,468).

Moderação do Gênero

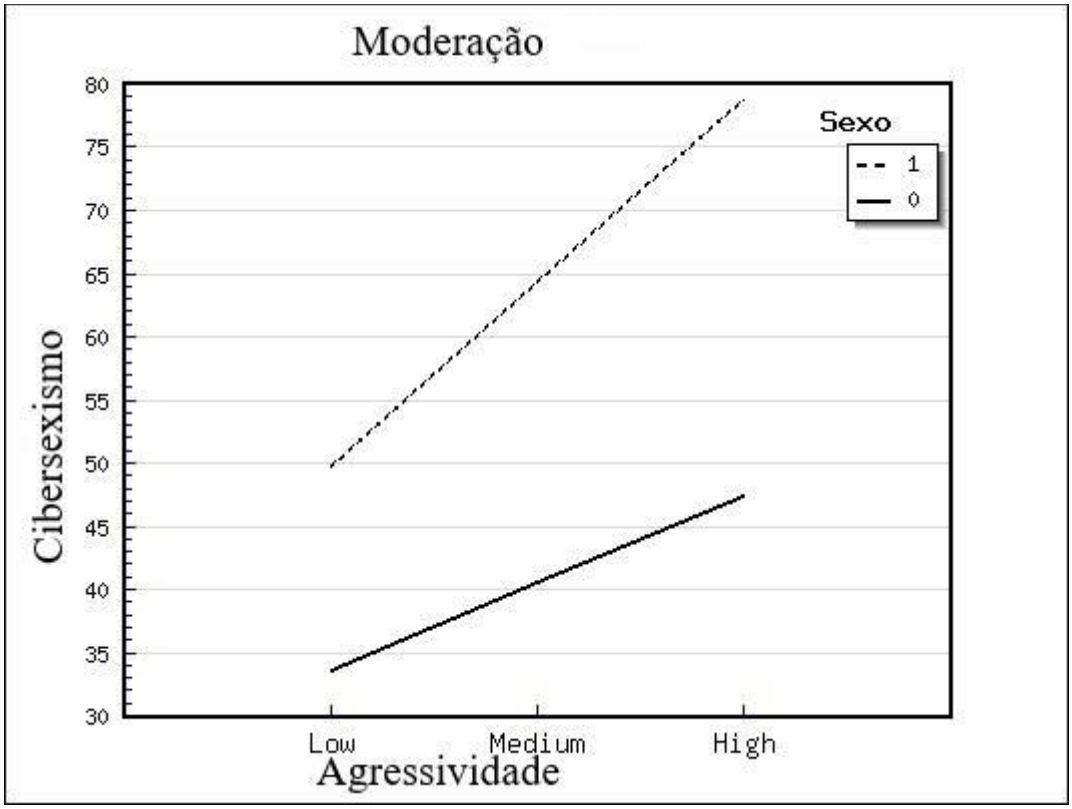
Foi realizada uma moderação com o objetivo de analisar em que medida o gênero modera a relação entre os níveis de agressividade e o cibersexismo hostil através do SPSS. Conforme demonstrado na Tabela 2 a interação entre agressividade e cibersexismo hostil apresentou efeito estatisticamente significativo para a moderação do gênero.

Tabela 2. *Efeitos do modelo de moderação*

	Coeficiente (b)	***Erro-Padrão***	***t***	***p***
Constant		0,101	42.528	0,001
Agressividade (x)	0,139	0,045	2,045	0,042
Cibersexismo Hostil (W)	0,260	0,040	3,823	0,001

Agressividade * C.H (X*W)	0,148	0,016	2,204	0,029

Figura 2. Efeitos do modelo de moderação



Nota: 0: Mulheres; 1: Homens.

Ao se analisar o gráfico de interação é possível observar que a associação entre Agressividade e Cibersexismo é significativamente mais forte para homens do que para mulheres, conforme ilustrado pela inclinação mais acentuada da linha representada pelo grupo masculino.

Com o objetivo de investigar a interação entre agressividade e cibersexismo hostil moderada pelo gênero, foram conduzidas análises de simple slopes, para as mulheres a agressividade apresentou efeito significativo sobre o cibersexismo hostil (B = 0,981; EP = 0,480; t = 2,045; p = 0,042). Entre os homens, o efeito da agressividade também foi significativo, porém de maior magnitude (B = 2,052; EP = 0,701; t = 2,925; p = 0,003). Diante

disso, é possível afirmar que a agressividade prediz os níveis de cibersexismo hostil mais fortemente para homens do que para mulheres.

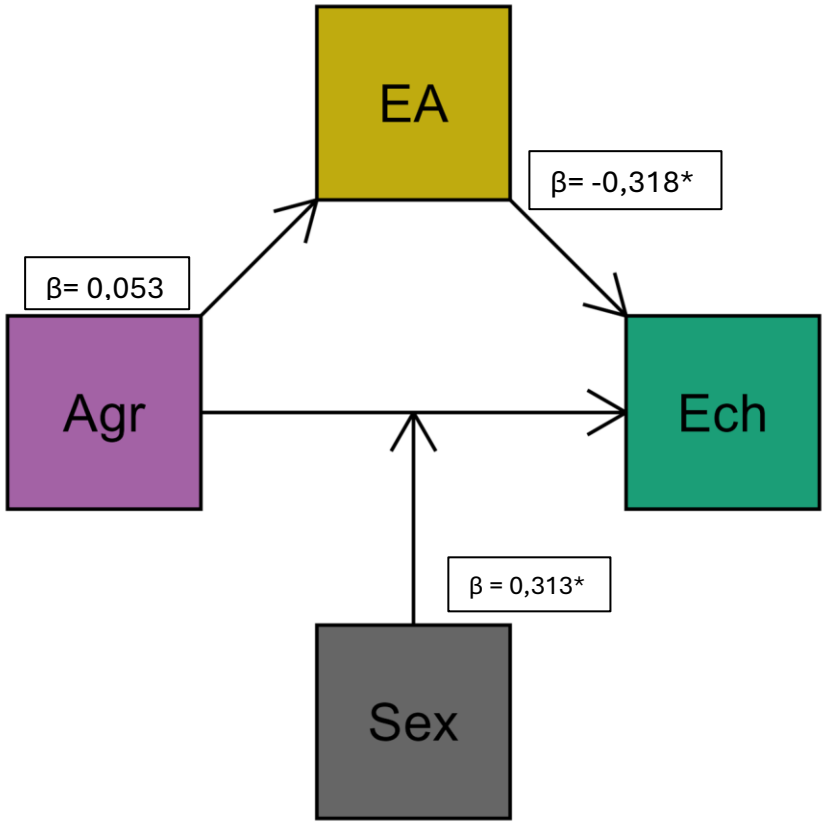
Mediação Moderada

Foi testado um modelo de mediação moderada com o objetivo de investigar em que medida a variável gênero modera a relação entre os níveis de agressividade e de cibersexismo hostil e em que medida a variável empatia afetiva media esta mesma relação.

Tendo isso em vista, a análise demonstra que a interação entre agressividade e cibersexismo hostil é moderada pelo gênero (B = 0,310, p < 0.05), indicando que o efeito da agressividade sobre o cibersexismo hostil é 0.31 unidades mais forte em homens do que em mulheres.

Entretanto, na interação entre agressividade e cibersexismo, o papel mediador da empatia afetiva não foi significativo (B = -0.017, p= 0,205), indicando que a empatia afetiva não explica a relação entre agressividade e cibersexismo hostil, dado que o intervalo de confiança de 95% [-0,043, 0,009] contém o zero, reforçando a ausência de efeito mediador. A Figura 1 expressa graficamente os efeitos obtidos.

Figura 1. *Modelo de mediação moderada*



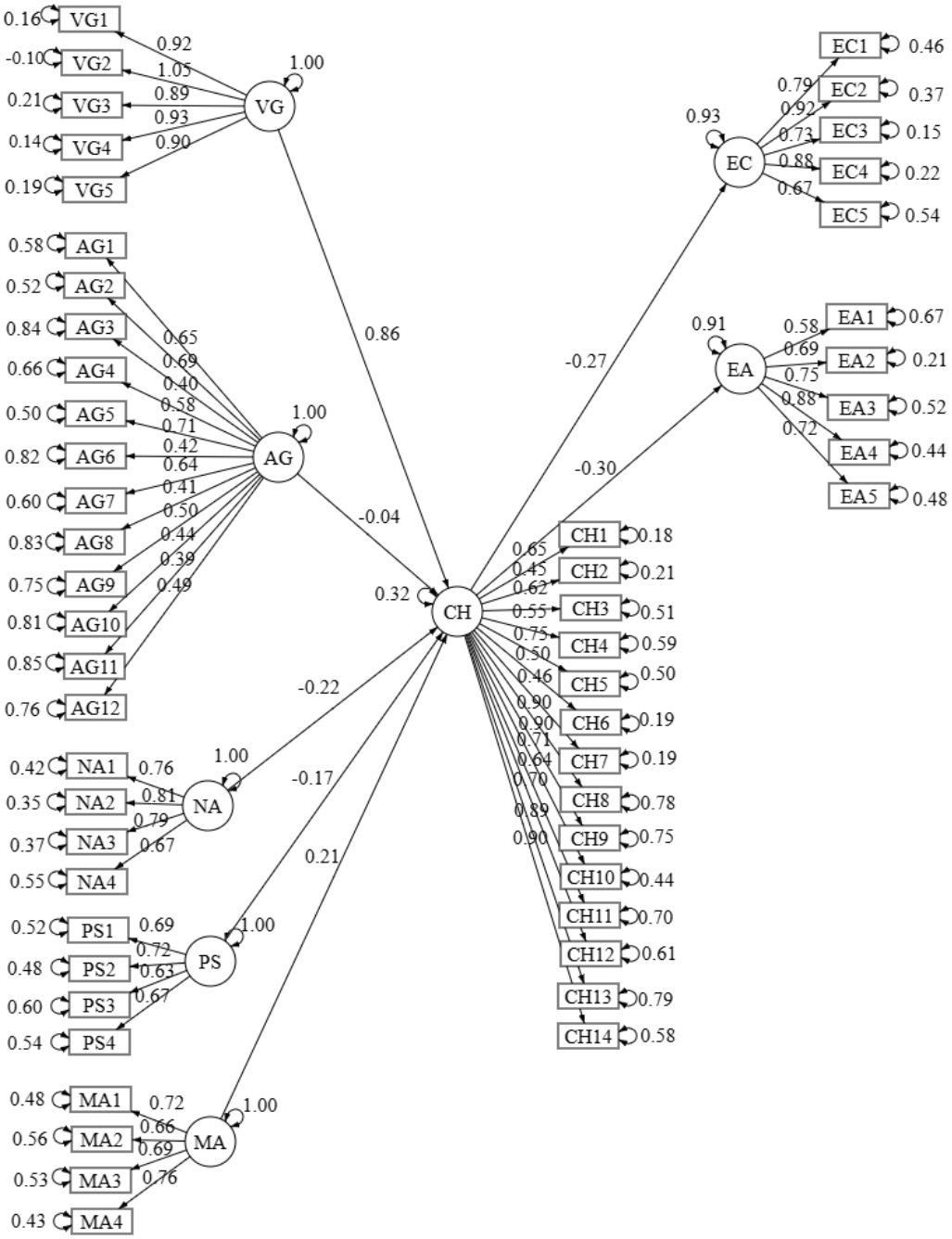
*Nota: "Agr": Agressividade; "Ech": Cibersexismo hostil; "Sex": Gênero; β * = indica efeitos menores do que 0,05.*

Modelagem por Equações Estruturais

O modelo teórico testado é de que os níveis de agressividade, violência geral, narcisismo, psicopatia e maquiavelismo vão impactar nos níveis de cibersexismo hostil. Ou seja, quanto maiores os níveis das variáveis latentes mencionadas, maiores os níveis da variável cibersexismo hostil. Diante disso, espera-se também que os níveis de cibersexismo hostil sejam preditores dos níveis de empatia cognitiva e empatia afetiva. Ou seja, elevados níveis de cibersexismo hostil impactam em menores níveis de empatia cognitiva e empatia afetiva.

O modelo estrutural testado é apresentado na Figura 2. As elipses representam as variáveis latentes, enquanto os retângulos representam as variáveis observadas. As setas unidirecionais indicam as relações de dependência hipotetizadas entre os construtos.

Figura 2. Diagrama do modelo



Nota: VG: Violência Geral; AG: Agressividade; NA: Narcisismo; PS: Psicopatia; MA: Maquiavelismo; CH: Cibersexismo Hostil; EA: Empatia afetiva; EC: Empatia Cognitiva

O método de estimação utilizado foi o DWLS devido a presença de dados ordinais na análise, os quais foram mensurados a partir de escalas do tipo Likert. Tendo isso em vista, a literatura metodológica indica que sejam utilizados estimadores baseados em mínimos

quadrados ponderados (Li, 2016). Além disso, para lidar com os dados faltantes foi utilizado o método de exclusão pairwise, pois esse método permite que sejam calculados todos os casos com dados válidos para cada par específico de variáveis, minimizando a perda de informação (Carter, 2006).

O modelo apresentou índices de ajustes aceitáveis como χ^2/gl = 2320/1307; CFI = 0,941; TLI = 0,938; RMSEA = 0,062 (IC90% 0,058–0,067) conforme demonstrado na tabela a seguir (Tabela 2). Porém, o índice SRMR = 0,145 foi acima do recomendado (< 0,08), indicando resíduos elevados, ou seja, houve diferenças entre a matriz de covariância observada e a reproduzida pelo modelo.

Tabela 2. *Índices de ajustes do modelo*

Estatística (indicador)	**Valor Estimado**	**Valor de Referência**
X^2/gl	2320/1307= 1,77	< 3 = bom
CFI	0,941	> 0,90 (aceitável)
TLI	0,938	> 0,90 (aceitável)
RMSEA	0,062	< 0,06 (bom)
SRMR	0,145	< 0,08 (recomendado)

Resultados

A análise do modelo estrutural proposto será apresentada na Tabela 3, contendo os coeficientes de regressão padronizados (β) para as relações testadas entre as variáveis latentes, o erro padrão e os níveis de significância.

Tabela 3. *Coeficientes de regressão padronizados, erro padrão e significância.*

Resultado	**Preditor**	**β**	**Erro padrão**	**p**
Empatia afetiva	Cibersexismo hostil	-0.305	0.07	0.001

Empatia cognitiva	Cibersexismo hostil	-0.271	0.07	0.001
Cibersexismo hostil	Maquiavelismo	0.212	0.29	0.465
Cibersexismo hostil	Psicopatia	-0.168	0.21	0.436
Cibersexismo hostil	Narcisismo	-0.221	0.18	0.220
Cibersexismo hostil	Agressividade	-0.038	0.12	0.766
Cibersexismo hostil	Violência Geral	0.855	0.09	0.001

Observa-se que o Cibersexismo hostil apresentou efeitos negativos e significativos para ambos os tipos de empatia. Diante disso, é possível dizer que maiores níveis de cibersexismo hostil associaram-se a menores níveis de empatia cognitiva (β= -0,271; $p < 0.001$) e empatia afetiva (β= -0,305; $p < 0.001$). Os resultados indicam que quanto maiores os níveis de endosso a atitudes de cibersexismo hostil, menores são os níveis de empatia cognitiva (compreensão cognitiva da perspectiva de outras pessoas) e empatia afetiva (responsividade afetiva).

A violência geral como preditora do cibersexismo hostil apresentou efeitos significativos (β= 0.855; $p < 0.001$). Esses dados sugerem que indivíduos com maiores níveis de violência geral tendem a apresentar níveis mais altos de cibersexismo hostil. Entretanto, as demais variáveis do estudo obtiveram resultados estatisticamente não significativos, contrariando as hipóteses iniciais, como a agressividade (β= -0,038; $p < 0.766$), Narcisismo (β = -0,221; p = 0,220), Psicopatia (β = -0,168; p = 0,436) e Maquiavelismo (β = 0,212; p = 0,465).

Todavia, a não significância estatística para estas relações pode ser explicada pelo fato de a violência geral se configurar como um preditor mais amplo, o que explicaria uma possível sobreposição de variâncias da violência geral em relação a agressividade, narcisismo, psicopatia e maquiavelismo. Além disso, também é possível hipotetizar que em relação ao cibersexismo, os níveis de violência geral têm um maior poder preditivo do que características específicas da personalidade.

Discussão

A pesquisa teve como objetivo geral verificar os impactos da exposição a postagens agressivas contra mulheres e suas relações com fatores psicológicos e sociais. O estudo 1 buscou a construção e validação de um instrumento para mensurar o cibersexismo hostil, visando preencher uma lacuna da literatura por medidas robustas que mensurem especificamente o sexismo hostil em contexto digital.

Esse fenômeno é emergente, pois estudos indicam que as tecnologias atuam como facilitadoras da agressão online de gênero. As mulheres têm sofrido com o cibersexismo hostil, discursos de ódio e hostilidades em plataformas online (Nadim & Fladmoe, 2021), com o dobro de probabilidade de sofrer assédio online quando comparadas aos homens (Duggan, 2017).

A literatura sobre sexismo fez contribuições importantes para a compreensão dessa problemática, ao entender que a visão da igualdade de gênero progrediu em termos de normas e leis de proteção à mulher, mas o sexismo ainda persiste (Susanti et al., 2023). Diversos estudos identificaram as manifestações da violência de gênero online, como o abuso em relacionamentos digitais, a pornografia de vingança e a misoginia online (Araújo et al., 2022).

Os vários desfechos advindos do sexismo hostil online vêm sendo estudados em relação à: criação de conteúdo político contra mulheres em plataformas digitais (Inguanzo et al., 2021), à cibermisoginia como ferramenta de controle (Dávila, 2025), adoção de crenças misóginas na manosfera (Franklin-Paddock et al., 2025), ao anonimato como preditor das postagens de conteúdo sexista (Dawson et al., 2024) e ao cibersexismo em jogos online (Vergel et al., 2024).

Além disso, os traços de personalidade são relevantes ao se estudar o comportamento humano na sociedade atual que utiliza a internet diariamente (Servidio, 2019), principalmente por estudos recentes obterem resultados divergentes. Pois embora estudos empíricos como os de Goodboy e Martin (2015) e Pabian et al. (2015) sugiram uma correlação positiva da Tríade Sombria com a agressão online, o estudo de Balakrishnan et al. (2019) investigou o papel da psicopatia, maquiavelismo e narcisismo como preditores dos níveis de cyberbullying, obtendo resultados estatisticamente significativos apenas para psicopatia.

Esses achados significam que as agressões online são menos movidas pelo maquiavelismo e narcisismo e mais pela psicopatia. Além disso, os autores sugerem que a falta de empatia e frieza emocional são características da psicopatia. Tendo isso em vista, os resultados do presente estudo se alinham a esta literatura, já que a falta de empatia é um núcleo da psicopatia (Decety et al., 2013). Além disso, foi demonstrado nesta pesquisa que os participantes com maiores níveis de cibersexismo hostil apresentaram escores significativamente mais baixos em empatia cognitiva e afetiva.

Tendo isso em vista, estudos anteriores demonstraram que a exposição repetida a violência na mídia é capaz de gerar uma dessensibilização. Ou seja, torna os telespectadores menos empáticos e com uma maior necessidade de representações de violência que gerem, fisiologicamente, maior excitação (arousal) (Miles-Novelo & Anderson, 2021).

Diante disso, menores níveis de empatia cognitiva e afetiva estão associados a maiores níveis de cibersexismo hostil de acordo com os dados analisados no presente estudo. Esses resultados corroboram os achados de Tavares & Rein (2024), nos quais investigaram a redução da empatia mediante o uso das redes sociais. As interações pela internet omitem sinais sociais como expressões faciais e tom de voz.

Esses sinais sociais transmitem informações emocionais responsáveis pela ativação de áreas cerebrais relacionadas à empatia, explicando assim como as interações virtuais estão mais propensas à diminuição da capacidade empática. Diante disso, o estudo de Agron et al. (2023) demonstrou que o comportamento agressivo de homens contra mulheres foi atenuado ao receberem sinais olfativos em momentos de emoção, os quais são totalmente omitidos quando em interações virtuais.

Essa ausência de informações sensoriais torna a internet um ambiente fértil para interações virtuais agressivas, tendo as mulheres como as maiores vítimas dessa violência (Soto & Sanchez, 2018), pois são removidos os sentidos biológicos que atuam contra a hostilidade, criando condições propícias para que a internet atue como um amplificador do patriarcado (Bonavitta et al., 2020).

Nos ambientes virtuais, a violência contra a mulher é legitimada e invisibilizada, tida com um sentido humorístico. Essa normalização gera um ciclo de violência, fazendo com que os homens apresentem níveis maiores de agressão verbal direcionada a mulheres, como corroboram os resultados do presente estudo. Esse crescimento de crimes de ódio contra a mulher online é evidenciado pelo Observatório Nacional dos Direitos Humanos (2022), que recebeu 961 denúncias de violências digitais contra mulheres em 2017 e, em 2022, registrou um salto para 28,6 mil denúncias, um aumento de cerca de 30 vezes.

Tendo isso em vista, as normas culturais, as crenças e estereótipos de gênero são fatores cruciais para a perpetração do cibersexismo online, pois geram um ciclo que se retroalimenta. A literatura sugere que a hostilidade dirigida dos homens para as mulheres em ambientes virtuais é um reflexo de estruturas sociais patriarcais, da hierarquização de gênero (Emma, 2016) e do efeito da desinibição online, que atua com o aumento de comportamentos tóxicos contra as mulheres, como xingamentos, hostilidade e ameaças (Suler, 2004).

O cibersexismo revela um sistema tradicionalista que impõe normas de gênero, gerando impacto sobre as mulheres nos ambientes virtuais (Richard & Couchot-Schiex, 2019). Esse impacto pode ser observado ao encontrar achados no presente estudo que demonstram que os homens foram mais fortemente afetados, aumentando os níveis de agressão verbal ao verem estímulos depreciativos com mulheres, o que corrobora que as tendências de agressividade vivenciadas offline de homens contra mulheres se pronunciam também no ambiente digital (Instituto Andaluz de Administración Pública, 2017).

A violência offline pode prosseguir no online (Gracia-Leiva et al., 2020) e vice-versa. Porém, a virtual é mais frequente (Reed et al., 2017), especialmente entre homens em interações online (Clarke et al., 2024), do que offline. Essa discrepância já vem sendo documentada desde 1984 (Kiesler et al., 1984), indicando ser uma tendência comportamental inata a maior propensão a comentários hostis ao interagir pelo computador, devido à amplificação causada pelas características estruturais das interações virtuais (Tavares & Rein, 2024).

Essa ideia é corroborada pelo estudo de Scheggia et al. (2022), em que camundongos que costumavam tomar decisões altruístas de compartilhamento de guloseimas com sua espécie tiveram tendência a comportamentos egoístas quando o outro animal era colocado atrás de uma divisória que não permitia a sua visualização.

Diante do exposto, no presente estudo, a violência geral foi preditora dos níveis de cibersexismo hostil. Esses dados são corroborados pela literatura, especificamente por resultados similares com o estudo de López-Barranco et al. (2025), em que foram encontradas correlações significativas entre violência de gênero em redes sociais e violência sexual presencial, indicando que o continuum da violência offline para a online, já que a violência online é considerada um fator de risco para tipos mais severos de violência offline.

Além disso, outro dado preocupante é de que a violência virtual perpetrada por homens possui efeitos negativos principalmente para mulheres jovens, com idade entre 18 e 30 anos (Borrajo et al., 2015). Essa realidade social possui relação com a perpetuação e legitimação da violência, a qual diante do contexto social, os homens possuem maiores níveis de sexismo hostil do que as mulheres, o que corrobora os achados deste estudo.

Tendo isso em vista, níveis mais altos de sexismo hostil significam maior probabilidade de perpetrar violência contra parceiras íntimas (Ferreira et al., 2022). Essa relação também ocorre em ambientes virtuais: No estudo de Rodríguez Castro et al. (2021), foi identificado o sexismo hostil como um preditor de abuso em relacionamentos mediados pela tecnologia. Em consonância com esses achados, os resultados do presente estudo indicam que altos níveis de violência geral estão associados a maiores escores em cibersexismo hostil, sugerindo que a expressão de atitudes sexistas já existiam offline e foram amplificadas nas interações online.

Considerando que o cibersexismo hostil se manifesta de forma diferente em homens e mulheres, é necessário investigar os fatores que podem acentuar essas diferenças. A literatura aponta que a variável ideológica posicionamento político possui papel significativo, em que a posição política moderou a relação entre os níveis de cibersexismo hostil e gênero, compreendendo-se assim que valores conservadores (direita) podem atuar amplificando a

expressão da hostilidade direcionada às mulheres online, de acordo com os dados apresentados no presente estudo.

Diante desses dados, esse padrão é consistente com os achados de que o conservadorismo político está associado a maiores níveis de visões tradicionais de gênero (Jost et al., 2003), explicando os dados encontrados no presente estudo de que a posição política de direita foi um moderador da relação entre cibersexismo hostil e gênero.

Esse conservadorismo político amplifica a hostilidade contra mulheres no ambiente digital. Tendo isso em vista, a pesquisa de Morales et al. (2025) obteve como resultados que os participantes conservadores apresentaram níveis mais altos de aceitação de mitos sobre violência de gênero facilitada por tecnologia (por exemplo, 'ela quis', 'ela provocou') em comparação aos participantes liberais. Esses dados corroboram os achados do presente estudo, demonstrando que a posição política molda atitudes que legitimam o cibersexismo hostil.

Dessa forma, é evidenciado que o cibersexismo hostil não pode ser compreendido apenas como uma diferença individual de gênero, e sim de forma mais ampla, relacionado a crenças ideológicas, as quais são amplificadas nos ambientes virtuais. A literatura demonstra que os espaços virtuais criam novas formas de opressão para as mulheres, permitindo que discursos tóxicos direcionados a elas alcance um público maior (Tavares & Recuero, 2023).

Limitações

Em relação às limitações deste estudo, é possível citar o ambiente não controlado para a sua realização. Dessa forma, não podemos atestar se todos os participantes prestaram a atenção necessária ao responder ao instrumento, apesar da checagem de manipulação. Além

disso, o ambiente em que se encontravam os participantes pode não ter sido propício (por exemplo, ambientes com ruídos), o que pode afetar significativamente as respostas.

Ademais, uma outra limitação se deve ao fato da amostra por conveniência (não-probabilística), gerando assim, que os resultados não sejam representativos da população, restringindo as possibilidades de generalização. Por fim, a desejabilidade social que acomete os participantes impede que possamos afirmar que os respondentes apresentaram respostas mais socialmente aceitas do que suas verdadeiras opiniões.

Considerações Finais

Foi observada a necessidade de compreender o sexismo e sua manifestação contemporânea através do cibersexismo, o qual perpetua desigualdades e violências no ambiente digital. Caracterizando-se por diferentes formas de manifestação (por exemplo, assédio virtual, mensagens misóginas em fóruns e comunidades, memes que inferiorizam a mulher).

Tendo isso em vista, é necessário que os impactos psicossociais do cibersexismo – individuais e coletivos - sejam investigados. Esse estudo evidenciou os efeitos desse fenômeno social e como a população é fortemente influenciada pelas mídias agressivas, que quando não reguladas, podem se tornar um vetor de opressão para as mulheres.

Diante disso, é necessário que mais pesquisas sejam realizadas, replicando esse estudo em diferentes contextos, além de avançar nas análises e diversificação de estímulos. Buscando assim fornecer dados empíricos para embasar políticas públicas de proteção à mulher, pois com evidências robustas é possível promover ações preventivas mais eficientes.

Referências:

Agron, S., De March, CA, Weissgross, R., Mishor, E., Gorodisky, L., Weiss, T., Furman-Haran, E., Matsunami, H., & Sobel, N. (2023). A chemical signal in human female tears lowers aggression in males. *PLOS Biology, 21* (12), e3002442. https://doi.org/10.1371/journal.pbio.3002442

Allen, J. J., Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2018). The General Aggression Model. *Current Opinion in Psychology, 19*, 75–80. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.03.034

Almeida, A. P.; Lima, F. M. V.; Lisboa, S. M.; Lopes, A. P. & Junior, A. J. A. F. (2013). Comparação entre as teorias da aprendizagem de Skinner e Bandura. *Cadernos de Graduação Ciências biológicas e da saúde*, 1, 81-90.

Alves, N. F. T., Souza, L. E. C., Maia, L. M., Silva, R. N., Gomes, A. A. A. M. (2021). "A Mulher No Facebook: Uma Análise a Partir Do Sexismo Ambivalente." *Intercom*, 44, 131–147, https://doi.org/10.1590/1809-5844202116.

Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). The effects of media violence on society. *Science*, 295, 2377-2379.

Anjos, G. (2000) Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. *Sociologias*, 2 (4), p.274-305.

Araújo, A. V. M., Bonfim, C. V., Bushatsky, M. & Furtado, B. M. A. (2022). "Technology-Facilitated Sexual Violence: A Review of Virtual Violence against Women." *Research, Society and Development*, https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.25757.

Asparouhov, T., & Bengt, M. (2010). *Simple Second Order Chi-Square Correction*.

Assmar, E. M., & Ferreira, M. C. (2004). Cultura, justiça e saúde no trabalho. In: A. Tamayo, *Cultura e saúde nas organizações,* 155-178. Porto Alegre: Artmed.

Balakrishnan, V., Khan, S., Fernandez, T., & Arabnia, H. R. (2019). Cyberbullying detection on twitter using big five and dark triad features. *Personality and Individual Differences, 141*, 252-257. https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.01.024

Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. Prentice-Hall.

Bandura, A. (1979). *Modificação do comportamento.* Rio de Janeiro, RJ: Interamericana.

Borrajo, E., Gámex-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Justification beliefs of violence, myths about love and cyber dating abuse. *Psichotema,* 27(4), 327-333. DOI: 10.7334/psicothema2015.59

Barreto, M.; Ellemers, N. (2005) The burden of benevolent sexism: How it contributes to the maintenance of gender inequalities. European Journal of Social Psychology, 35, 633-642.

Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Becher, L., Mehlkop, G. & Sattler, S. (2025). "Aggressive Behavior and Social Status: An Experimental Test of the General Aggression Model." *Social Science Research*, 131, 103224. https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2025.103224.

Benjamin, R. (2019). *Race after technology: Abolitionist tools for the new Jim Code*. Oxford University Press.

Betti, G. G. & Wolff C. S. (2025). Alfas, redpills e outras polêmicas tragicômicas no YouTube. *InterThesis.* 22, 01-25 DOI: 10.5007/1807-1384.2025.e107582

Blaine, B. E. (2007). Understanding Gender Stereotypes and Sexism. Em Understanding the Psychology of Diversity, 101- 121. London: Sage publications.

Blakemore, J. E. O., & Centers, R. E. (2005). Characteristics of boys' and girls' toys. *Sex Roles*, 53(9-10), 619–633. https://doi.org/10.1007/s11199-005-7729-0

Blaya, C. (Ed.). (2013). *Les ados dans le cyberespace: prises de risque et cyberviolence.* Bruxelles: De Boeck.

Blaya, C. (ed.). (2015). *Cyberviolence et école. Les Dossiers des Sciences de l'Éducation*, 33, Toulouse : Presses universitaires du Midi.

Bonavitta, P., Preman, C., & Becerra, J. (2020). Ciberfeminismo viejas luchas, nuevas estrategias: el escrache virtual como herramienta de acción y resistencia. *Anagramas: Rumbos e Sentidos de la Comunicacion*, 18 (36), 327-333. DOI: 10.22395/angr.v18n36a9

Bourdieu, D. (2002). Uma imagem ampliada. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A.

Bourdieu, P. (2001). *Dominação masculina.* Imprensa da Universidade de Stanford

Braga, M., Nakamura, F., & Nakamura, E. (2020). Criação e Caracterização de um Corpus de Discurso Sexista em Português. In *Anais do IX Brazilian Workshop on Social Network Analysis and Mining*, (pp. 97-107). Porto Alegre: SBC. doi:10.5753/brasnam.2020.11166

Bussey, K., & Bandura, A. (1999). Social cognitive theory of gender development and differentiation. *Psychological Review, 106*(4), 676–713. https://doi.org/10.1037/0033-295X.106.4.676

Carter, R. L. (2006). Solutions for Missing Data in Structural Equation Modeling. *Research & Practice in Assessment, 1*(1), 1-6.

Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating Goodness-of-Fit Indexes for Testing Measurement Invariance. *Structural Equation Modeling*, 9, 233-255. https://doi.org/10.1207/S15328007SEM0902_5

Clarke, E. V., Sibley, C. G & Osborne, D. (2024). "Hostile Sexism Predicts Annual Within-Person Increases in Sexual Prejudice for Both Men and Women: Evidence from an 8-Year RI-CLPM." *Psychology of Women Quarterly.* https://doi.org/10.1177/03616843241275579.

Cloninger, S. C. (1999). *Teorias da personalidade.* São Paulo: Martins Fontes.

Cohen, D., & Nisbett, R. E. (1994). Self-protection and the culture of honor: Explaining southern violence. *Personality and Social Psychology Bulletin, 20*(5), 551-567.

Dávila, M. M. (2025). *El sueño de vigilar, castigar (y silenciar) en el panóptico moderno. Tecnocapitalismo patriarcal y cibermisoginia como herramienta de control*. Rio.upo.es. https://rio.upo.es/entities/publication/75deee32-ac3a-4932-99a8-a4befe9f0454/full

Dawson, J., Paterson, J,. Shepherd, L., Fitzpatrick, T., Brown, R., Houghton, S., Brown, G. & Taylor, A. (2024). Predicting sexism during online discourse: are less identifiable users more likely to post sexist content? SSRN eLibrary. https://doi.org/10.2139/ssrn.4984630

Decety, J., Chen, C., Harenski, C., & Kiehl, KA (2013a). Um estudo de fMRI sobre a tomada de perspectiva afetiva em indivíduos com psicopatia: imaginar outra pessoa com dor não evoca empatia. *Frontiers in Human Neuroscience , 7.*

https://doi.org/10.3389/fnhum.2013.00489

Dovidio, J. F., & Gaertner, S. L. (1986). Prejudice, discrimination, and racism: Historical trends and contemporary approaches. In J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 1–34). Academic Press.

DiStefano, C. & Morgan, G. B. (2014). A Comparison of Diagonal Weighted Least Squares Robust Estimation Techniques for Ordinal Data. *Structural Equation Modeling, 21*(3), 425-438. doi: 10.1080/10705511.2014.915373.

Duggan, M. (2017). *Online harassment 2017*. Pew Research Center.

Economist Intelligence Unit. (2020). *Measuring the prevalence of online violence against women.* The Economist. https://cdn.vev.design/private/WbTNgdOVVvgyq5TIBiYpWVmMCJQ2/hyw1xhPZO6_EIU_METHODOLOGY_PREVALENCE%20OF%20ONLINE%20VIOLENCE%20AGAINST%20WOMEN_FINAL.

Emma. J. (2016). Misogyny Online: A Short (and Brutish) History. *SAGE Publishing*., https://doi.org/10.4135/9781473916029.

Essen, E., & Jansson, J. (2020). Misogynistic and Xenophobic Hate Language Online: A Matter of Anonymity. *SSRN Electronic Journal*. https://doi.org/10.2139/ssrn.3682069

Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement,* 78, 762-780. doi:10.1177/0013164417719308

Ferreira, M. C. Sexismo hostil e benevolente: inter-relações e diferenças de gênero. *Temas em Psicologia,* SBP, v. 12, n. 2, p. 119-126, 2004.

Feist, G.; Feist, J. *Teorias da Personalidade.* São Paulo: McGraw-Hill, 2008.

Ging, D. (2019). Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. *Men and Masculinities, 22*(4), 638-657. https://doi.org/10.1177/1097184X17706401

Glick, P., & Fiske, S. T. (1995). Ambivalence and stereotypes cause sexual harassment: A theory with implications for organizational change. *Journal of Social Issues, 51*(1), 97–115. https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1995.tb01311.x

Glick, P. & Fiske, S. T. (1996) The ambivalent sexism inventory: differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 70, n. 3, p. 491-512

Glick, Peter, et al. "Beyond Prejudice as Simple Antipathy: Hostile and Benevolent Sexism across Cultures." *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 79, no. 5, 2000, pp. 763–775, https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763.

Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da personalidade: Evidências psicométricas do Dark Triad Dirty Dozen. *Interamerican Journal of Psychology*, 50 (3), 421-433. https://doi.org/10.30849/rip/ijp.v50i3.126

Gracia-Leiva, M., Puente-Martinez, A., Ubillos-Landa, S., González-Castro, J. & Páez-Rovira, D. (2020). Off and online heterosexual dating violence, perceived attachment to parents and peers and suicide risk in young women. *International Journal of Environment Research and Public Health*, 17(9), 506-518. DOI: 10.3390/ijerph17093174

Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2013). When (and how) sexism promotes romantic attraction: Social dominance orientation, ambivalent sexism, and courtship behaviors. *Personality and Social Psychology Bulletin, 39*(12), 1640–1654. https://doi.org/10.1177/0146167213499027

Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with "difficult" distributions. *Academic Emergency Medicine,* 12(4), 360-365. doi:10.1197/j.aem.2004.11.018

Hayes, A. (2018). *Introduction to Mediation, Moderation, and Conditional Process Analysis: A Regression Based Approach.* Guilford Press.

Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contributions to Statistical Analysis* (pp. 119). Mérida: Universidad de Los Andes.

Jordan, C. E., Campbell, R., & Follingstad, D. (2010). Violence and women's mental health: The impact of physical, sexual, and psychological aggression. *Annual Review of Clinical Psychology,* 6(1), 607–628. https://doi.org/ 10.1146/annurev-clinpsy-090209-151437

Jost, J. T., Glaser, J., Kruglanski, A. W., & Sulloway, F. J. (2003). Political conservatism as motivated social cognition. *Psychological Bulletin, 129*(3), 339–375. https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.339

Inguanzo, I., Zhang, B. & Zúñiga, H. G. (2021). Online cultural backlash? Sexism and political user-generated content. *Information, Commuunication & Society,* 24(14), 2133-2152. https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1962940

Instituto Andaluz de Administración Pública. (2017). *Redes sociales en perspectiva de género: guía para conocer y contrarrestrar las violencias de género on-line.* Andaluzia: Junta de Andalucía.

Kiesler, S., Siegel, J., & McGuire, TW (1984). Aspectos sociopsicológicos da comunicação mediada por computador. *American Psychologist, 39* (10), 1123–1134. https://doi.org/10.1037/0003-066X.39.10.1123

Kilianski, S. E. & Rudman, L. A. Wanting it both ways: do women approve of benevolent sexism?. *Sex Roles,* v. 39, n. 5-6, p. 333-352, 1998.

López-Barranco, P., López-Yepes, S., Conesa-Ferrer, M. B., Cayuela-Fuentes, P. S., Beladiez-Pérez, M. M. & Jiménez-Ruiz, I. (2025). Violence Against Women on Social Networks: A Descriptive Analysis. *Healthcare,* 13(20): 2574. https://doi: 10.3390/healthcare13202574

Li, C. H. (2016). Confirmatory factor analysis with ordinal data: Comparing robust maximum likelihood and diagonally weighted least squares. *Behavioral Research Methods*, *48*(3), 936-49doi: 10.3758/s13428-015-0619-7.

Liben, L. S., & Bigler, R. S. (2002). The developmental course of gender differentiation. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 67*(2), 1-147.

Loureto, G. D. L., Santos, L. C. O., Castelhano, M. V. C., Benevides, D. S., Lucena, H. H. & Leite, V. S. The Basic Empathy Scale: Evidence of Internal Structure in the Brazilian Context. *Psico-USF,* 27(3), 581-593. https://doi.org/10.1590/1413-82712035270314

Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P.J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *Technical report,* URV. Tarragona, Spain.

Mastaglia B., Toye C., & Kristjanson L. J. (2003). Ensuring content validity in instrument development: Challenges and innovative approaches. *Contemporary Nurse,* 14(3), 281–291. https://doi.org/10.5172/conu.14.3.281

Macleimont, S. R. Q. (2002). Televisão e crianças: Novas perspectivas de relação. *Intercom,* 25(1), 11-25.

Martinez-Pecino, R., & Durán, M. (2019). I love you but I cyberbully you: the role of hostile sexism. *Journal of Interpersonal Violence,* 34 (4), 812-825. DOI:10.1177/0886260516645817

Melo-Dias, C. & Silva, C. (2019). Teoria da aprendizagem social de Bandura na formação de habilidades de conversação. *Psicologia, Saúde & Doença,* vol. 20, pp. 101–111, https://doi.org/10.15309/19psd200108.

Melo, M. C. B., Neto, G. H. F., Alchieri, J. C. & Figueiroa, J. N. Avaliação Do Comportamento Agressivo de Adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 20, pp. 1861–1868, https://doi.org/10.1590/1413-81232015206.16582014.

Miles-Novelo, A. & Craig, A. (2021) Desensitization. *The International Encyclopedia of Media Psychology,* 1-11.

Moreno, R., Martínez, R. J., & Muñiz, J. (2006). *Directrices para la construcción de ítems de elección múltiple.* Psicothema, 18(4), 805-809.

Morgane, M. M., & Nader, M. B. (2014). O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas, Rio de Janeiro.

Morales, E., Hodson, J., Chen, Y., Mendes, K., Veletsianos, G., & Gosse, C. (2025). "Stop Being so Fkn Soft": Masculinity, Politics, and the Acceptance of Gender-Based Online Violence Myths Among Young Canadian Men. *Social Media + Society*, *11*(3). https://doi.org/10.1177/20563051251358754

Nadim, M., & Fladmoe, A. (2021). Silencing women? Gender and online harassment. *Social Science Computer Review, 39*(2), 245–258.

Nelson, T. D. (1966). *Sexism. Em The Psychology of Prejudice* (pp.192-227). California: Allyn and Bacon

ONU (1948). Assembleia Geral das Nações Unidas. Declaração Universal de Direitos Humanos. Brasília: UNESCO. Recuperado de http://unesdoc.unesco.org /images/0013/001394/139423por.pdf

Ozbilgin, M. F. & Mergen, A. (2025). Red Pill Leadership Behaviours and Discourse Ethics. *Journal of Business Ethics.*

Payne, E., & Smith, M. (2013). LGBTQ Kids, school safety, and missing the big picture: how the dominant bullying discourse prevents school professionals from thinking about systemic marginalization or… Why we need to rethink LGBTQ bullying. QED: *A Journal of GLBTQ Worldmaking*, 1(1), 1–36.

Pimentel, C. E., Moura, G. B. & Cavalcanti, J. G. (2017). Acceptance of Dating Violence Scale: Checking its psychometric properties. *Psico-USF,* 22(1), 147-159.

Rangel, J. G. (2004). *Televisão em foco:* A violência e suas relações psicossociais no contexto dos telespectadores. ALCEU, 4(8), 51-64.

Rakoczy, S. (2004). Religião e violência: o sofrimento das mulheres. *Agenda,* 18(61), 29 35. https://www.jstor.org/stable/4066596

Reed, L., Tolman, R., & Ward, L. (2017). Gender matters: experiences and consequences of digital dating abuse victimization in adolescent dating relationships. *Journal of Adolescence*, 59, 79-89. DOI: 10.1016/j.adolescence.2017.05.015

Remón, I., & Medina-Bravo, P. (2018). Ciberviolencia en la red: nuevas formas de retórica disciplinaria en contra del feminismo. *Papers,* 104(1), 47-74. DOI: 10.5565/rev/papers.2390

Richard, G. & Couchot-Schiex, S. “Cybersexism: How Gender and Sexuality Are at Play in Cyberspace.” *Gender, Sexuality and Race in the Digital Age*, 2020, pp. 17– 30, https://doi.org/10.1007/978-3-030-29855-5_2.

Rodríguez-Castro, Y.; Lameiras, M.; Carreira, MV & Failde, J. M. (2009). Aproximación conceitual al sexismo ambivalente: Estado de la cuestión [Abordagem conceitual ao sexismo ambivalente: Estado da questão]. *Summa Psicológica UST 6* , 131–142.

Servidio, R. (2019). A discriminant analysis to predict the impact of personality traits, self-esteem, and time spent online on different levels of internet addiction risk among university students. *Studia Psychologica*, *61*(1), 56- 70. https://doi.org/10.21909/sp.2019.01.772

Setenta, A. M. (2024). Violências digitais na perspectiva de gênero: desafios para refletir sobre cidadania digital. *Diké (Uesc)*, v. 23, n 26, p. 172-187.

Sousa, B. B. & Figueira, M. D. A Representação da Mulher em Textos Humorísticos: uma análise do gênero piada á luz da pragmática. *PERcursos Linguísticos*, v. 7, n. 15, p. 92-106, 2017.

Soto, C., & Sanchez, K. (2019). Violencia en internet contra feministas y otras activistas chilenas. *Revista Estudos Feministas,* 27(3), e58797. DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n358797

Sibley, C. G., & Becker, J. C. (2012). On the nature of sexist ambivalence: Profiling ambivalent and univalent sexists. *European Journal of Social Psychology*, *42*(5), 589–601. https://doi.org/10.1002/ejsp.1870

Silva, T. P. & Braga, C. F. (2016) Racismo e sexismo sofrido por mulheres negras no facebook. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, São Paulo.

Silva, L. F. & Oliveira, L. (2017) O papel da violência simbólica na sociedade por Pierre Bordieu. *Revista Fsa*, v. 14, n. 3, p. 160-174.

Smigay, K. E. V. (2002). Sexismo, homofobia e outras express˜oes correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em revista*, v. 8, n. 11, p. 32–46.

Suler, J. (2004). O efeito de desinibição online. *CyberPsychology & Behavior, 7* (3), 321–326. https://doi.org/10.1089/1094931041291295

Susanti, V., Arsanti, T. Toyibah, D. & Nurhayati, I. (2023). Revealing Misogyny in the Digital Feminist Era as Violence against Women in Radical Feminist Studies. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research/Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, 1, pp. 382–387, https://doi.org/10.2991/978-2-38476-202-6_54.

Swim, J. K., Aikin, K. J., Hall, W. S., & Hunter, B. A. (1995). Sexism and racism: Old-fashioned and modern prejudices. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*(2), 199–214. https://doi.org/10.1037/0022-3514.68.2.199

Tavares, M., & Rein, B. (2024). The virtual disengagement hypothesis: A neurophysiological framework for reduced empathy on social media. *Cognitive, Affective & Behavioral Neuroscience, 24*(6), 965–971. https://doi.org/10.3758/s13415-024-01212-w

Tavares, Q. C., & Recuero, R. (2023). Toxicidade e violência discursiva contra deputadas federais no Twitter. *Galáxia Revista Interdisciplinar De Comunicação E Cultura*, *48*(1). https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/62122

Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. doi:10.1037/a0023353

Veloso, A. M. C.; Vasconcelos, F. M. & Ferreira, L. (2017). As duas faces do sexismo na mídia: como Marcela Temer e Dilma Rousseff (PT) são retratadas pela Veja e IstoÉ. *Observatório*, Palmas, 3(1), 58-83). http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n1p58

Vergel, P., Parra-Casado, D. L. & Vives-Cases, V. (2024). Examining Cybersexism in Online gaming communities: A Scoping Review. Trauma, Violence & Abuse.

Von Smigay, K. E. (2002). Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. *Psicologia em revista*,8(11):32–46.

Viki, G. T., & Abrams, D. (2002). But she was unfaithful: Benevolent and hostile sexism and bias toward rape victims. *Personality and Social Psychology Bulletin, 28*(3), 356–367. https://doi.org/10.1177/0146167202286009

Viki, G. T., Abrams, D., & Hutchison, P. (2003). The “true” romantic: Benevolent sexism and paternalistic chivalry. *Sex Roles, 49*(9-10), 533–537. https://doi.org/10.1023/A:1025888824749

Warburton, W. A., & Anderson, C. A. (2015). Aggression, social psychology of. L. Berkowitz. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences, 1*, 295-299.

Wu, A. D., & Zumbo, B. D. (2017). Using Pratt's Importance Measures in Confirmatory Factor Analyses. Journal of Modern Applied Statistical Methods, 16(2), 81-98. doi: 10.22237/jmasm/1509494700

Zhao, J., Chen, S.-S., Wei, H., & Hu, Y. (2025). Social Exclusion and Online Aggressive Behavior: Mediation Through Ego Depletion and Moderation Through Mindfulness. *Behavioral Sciences*, *15*(3), 346. https://doi.org/10.3390/bs15030346

Anexos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa, intitulada “Exposição a postagens: impactos psicossociais”, trata da exposição a mídia relacionada a fatores psicossociais. Ela está sendo desenvolvida por Taciane Cavalcanti do Amaral Mota, orientada pelo Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (Universidade Federal da Paraíba) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. O objetivo do estudo é verificar se postagens diferentes causam efeitos diferenciados. A finalidade deste trabalho é contribuir para o desenvolvimento do conhecimento científico da Psicologia. Os benefícios em auxiliar na coleta de dados serão relacionados a contribuir para uma melhor compreensão desses fenômenos por parte da Psicologia, possibilitando uma atuação na comunidade mais eficaz.

Solicitamos a sua colaboração para responder um questionário (com duração média de 10 minutos), como também sua autorização para apresentar os resultados desse estudo em eventos da área de Ciências Humanas e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome dos participantes será mantido em sigilo. Salientamos que de acordo com a legislação vigente sobre pesquisa com seres humanos toda pesquisa envolve algum tipo de risco para os participantes, mesmo que mínimo como possível constrangimento, cansaço, desgaste mental, dentre outros, mas que o questionário foi desenvolvido de modo a diminuir esses riscos na medida do possível (e.g. utilizando instrumentos adequados ao contexto e a menor duração possível do questionário). Informamos também que essa pesquisa não trará nenhum custo. A pesquisa está de acordo com o disposto na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos Pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados.

Questionário de Agressividade de Buss-Perry (Versão Reduzida)

Por favor, leia atentamente as frases abaixo e pensando em você mesmo, indique o quanto concorda ou discorda de cada uma delas. Para isso utilize a escala de resposta abaixo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Existem pessoas que me enfrentaram e chegamos às vias de fato.

Não posso deixar de entrar em discussões quando as pessoas não concordam comigo.

Meus amigos dizem que sou um tanto argumentativo.

Eu fico irritado rapidamente, mas também supero isso rapidamente.

Muitas vezes eu discordo das pessoas.

Eu me pergunto porque às vezes me sinto tão amargo sobre certas coisas.

As outras pessoas sempre parecem levar vantagem sobre mim.

Às vezes eu perco a razão sem nenhum motivo.

Se eu for provocado o suficiente, posso bater em outra pessoa.

Algumas vezes eu sinto que sou tratado injustamente na vida.

Tenho dificuldades em controlar meu temperamento.

Eu já ameacei pessoas que conheço.

Versão Brasileira da Dark Triad Dirty Dozen

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente

1. ____Costumo manipular os outros para conseguir o que quero.
2. ____Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero.
3. ____Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____Eu costumo ser cínico.
9. ____Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____Eu tendo a buscar prestígio ou status.
12. ____Costumo esperar favores especiais dos outros.

Inventário de Personalidade de Dez Itens (TIPI)

Qual seu grau de concordância com as afirmações a seguir? Por favor, aponte em que medida você concorda ou discorda com as afirmações a seguir. Utilize as indicações abaixo.

Eu me vejo como alguém...

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente improvável	Bastante improvável	Improvável	Mais ou menos	Provável	Bastante provável	Totalmente provável

1. Extrovertido, entusiasta
2. Crítico, briguento
3. Confiável, autodisciplinado
4. Ansioso, que se chateia facilmente
5. Aberto a novas experiências, complexo
6. Reservado, quieto
7. Simpático, acolhedor
8. Desorganizado, descuidado
9. Calmo, emocionalmente estável
10. Convencional, sem criatividade

Versão reduzida da escala portuguesa de afeto positivo e negativo – PANAS-VRP (Iolanda Costa Galinha, Cicero Roberto Pereira, Francisco Esteves, 2014)

INSTRUÇÕES: Diferentes pessoas reagem muito diferentemente a mesmas situações. Abaixo você encontra diversas palavras que representam como podemos nos sentir. Indique em que medida você se sente no presente momento, usando a escala de 5 pontos abaixo.

Escreva o número correspondente para sua avaliação ao lado de cada palavra:

1. Interessado (a)
2. Nervoso (a)
3. Entusiasmado (a)
4. Amedrontado (a)
5. Inspirado (a)
6. Ativo (a)
7. Assustado (a)
8. Culpado (a)
9. Determinado (a)
10. Atormentado (a)

Adaptação para o contexto online do paradigma do molho de pimenta (Lieberman et al., 1999).

Antes de terminarmos gostaríamos da sua ajuda em outro estudo que está sendo conduzido pelo laboratório. Estamos investigando como preferências alimentícias impactam a experiência de

diversas mídias em **mulheres** e para manter a aleatoriedade, gostaríamos que você fosse o organizador das porções que serão consumidas por duas participantes aleatórios.

A primeira participante faz parte de um grupo que consumirá algo que elas **não gostam**: molho de pimenta (servido numa porção de arroz branco).

Já o segundo grupo consumirá algo que as participantes **gostam**: chocolate.

Abaixo você pode determinar as porções!

1	2	3	4
Suave	Tradicional	Forte	Extra Forte

E quantos ml do molho escolhido devem ser consumidos pela participante?

1	2	3	4	5	6	7
Uma colher de chá (5 ml)	Duas colheres de chá (10 ml)	Uma colher de sopa (15 ml)	Duas colheres de sopa (30 ml)	Um copinho de café (50 ml)	Metade da garrafa (75 ml)	A garrafa completa (150 ml)

Finalmente, quantos quadradinhos de chocolate devem ser consumidos pela segunda participante?

1	2	3	4	5	6	7

Escala de afetos positivos e negativos versão reduzida: desenvolvida por Watson e colaboradores (1988) e validada por Galinha, Pereira e Esteves (2014).

Instruções: Diferentes pessoas reagem muito diferentemente a mesmas situações. Abaixo você encontra diversas palavras que representam como podemos nos sentir. Indique em que medida você se sente no presente momento, usando a escala de 5 pontos abaixo.

Escreva o número correspondente para sua avaliação ao lado de cada palavra:

1	2	3	4	5
Nada ou muito ligeiramente	Um pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente

Interessado (a)

Nervoso (a)

Entusiasmado (a)

Amedrontado (a)

Inspirado (a)

Ativo (a)

Assustado (a)

Culpado (a)

Determinado (a)

Atormentado (a)

Escala de Cibersexismo Hostil (Mota & Pimentel, 2026 - Em processo de avaliação editorial): Respondida em uma escala do tipo Likert de 1 a 5 pontos.

Leia cada item e indique o quanto você está de acordo com o conteúdo expresso nas redes sociais.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Mulheres não deveriam ocupar cargos de moderação em redes sociais porque se deixam levar por sentimentos, prejudicando a imparcialidade.

Mulheres são tão capazes quanto homens de mediar debates sérios na internet, usando racionalidade e análise de fatos*

Homens são naturalmente mais aptos a dominar espaços online relacionados a tecnologia, games ou ciência.

É normal fazer comentários sexualizados sobre mulheres em redes sociais

Quando mulheres expressam opiniões fortes na internet, elas geralmente estão exagerando e devem ser corrigidas.

Mulheres devem se sentir livres para discutir qualquer tema nas redes sociais, incluindo tecnologia, política ou ciência, não apenas assuntos 'femininos'*

Mulheres que ocupam espaços de liderança online (como criadoras de conteúdo) não são tão competentes quanto os homens.

Quando a mulher posta foto de biquíni, sua intenção é chamar a atenção de um homem

Mulheres que postam fotos sensuais online estão apenas buscando validação masculina

Homens têm o direito de monitorar ou criticar o comportamento de mulheres nas redes sociais, pois elas não sabem se comportar adequadamente.

É aceitável que homens façam comentários sexualizados sobre mulheres em jogos online ou redes sociais, pois é apenas uma brincadeira.

É natural que homens dominem espaços online de tomada de decisão, como moderação de grupos ou administração de fóruns.

Homens não têm o direito de enviar mensagens íntimas ou insinuantes para mulheres online sem seu consentimento explícito.

Homens devem moderar fóruns online porque mulheres são muito emocionais para tomar decisões racionais.

As mulheres não deveriam ter voz ativa em discussões online sobre temas técnicos ou políticos.

Nota: *: Item invertido

Escala de Aceitação da violência no namoro (Pimentel et al., 2017).

INSTRUÇÕES. Na tarefa seguinte, você é solicitado a marcar a resposta que corresponde com o que pensa, com o que concorda, variando de **1 = Discordo Totalmente** a **4 = Concordo Totalmente,** nas questões de 1 a 11.

Discordo totalmente	Discordo	Concordo	Concordo totalmente

Um garoto com raiva o suficiente para bater na sua namorada deve amá-la muito.

A violência entre namorados pode melhorar o relacionamento.

As garotas às vezes merecem apanhar dos seus namorados.

Uma garota que faz ciúmes de propósito merece apanhar do namorado.

Garotos às vezes merecem apanhar de suas namoradas.

Uma garota com raiva o suficiente para bater no seu namorado deve amá-lo muito.

Há momentos que é bom haver violência no namoro.

Um garoto que faz ciúmes de propósito merece apanhar de sua namorada.

Ás vezes a violência é a única forma de expressar os sentimentos.

Alguns casais devem usar a violência para resolver seus problemas.

A violência entre namorados é uma escolha pessoal e ninguém deve interferir.

Escala de Empatia Básica (Loureto et al., 2022)

Por favor, leia atentamente as frases abaixo e indique o quanto concorda ou discorda de cada uma delas.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo, nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Depois de falar com um(a) amigo(a) que está triste geralmente também fico triste.

Sou facilmente influenciado pelos sentimentos de outras pessoas.

Tenho facilidade em perceber quando os meus amigos estão nervosos.

Fico triste quando vejo outras pessoas chorando.

Sou sensível aos sentimentos das outras pessoas.

Geralmente consigo compreender quando meus amigos estão nervosos.

Geralmente costumo perceber como as pessoas se sentem mesmo antes de elas me dizerem.

Tenho facilidade em perceber quando um(a) amigo(a) não está bem.

Sou facilmente influenciado pelos sentimentos dos meus amigos.

Tenho facilidade em perceber quando os meus amigos estão felizes.

Questionário Sociodemográfico

Qual a sua idade?

Qual o seu gênero?

- Feminino; Masculino

Qual a sua região?

- Norte; Nordeste; Sul; Sudeste; Centro-Oeste

Qual a sua cidade?

Qual a sua profissão?

Qual o seu estado civil?

- Solteiro; Em um relacionamento; Casado; Viúvo, Divorciado

Você se considera uma pessoa religiosa?

- De jeito nenhum; Um pouco; Moderadamente; Bastante; Extremamente

Qual a sua posição política?

- Esquerda; Centro-esquerda; Centro; Centro-direita; Direita